



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

ELIANE MARIA DA SILVA

**LUTO E METAMORFOSE NA PROTAGONISTA DE *O PESO DO PÁSSARO*
MORTO, DE ALINE BEI**

PATU

2021

ELIANE MARIA DA SILVA

LUTO E METAMORFOSE NA PROTAGONISTA DE *O PESO DO PÁSSARO MORTO*,
DE ALINE BEI

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto.

PATU

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586l SILVA, Eliane Maria da
Luto e Metamorfose na protagonista de O peso do pássaro morto, de Aline Bei. / Eliane Maria da SILVA. - Patu-RN, 2021.
55p.

Orientador(a): Profa. M^a. Francisca Lailsa Ribeiro PINTO.

Monografia (Graduação em Letras (Habitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Morte. Metamorfose. Afetos. O peso do pássaro morto. Prosa poética brasileira.. I. PINTO, Francisca Lailsa Ribeiro. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

Aos meus pais. Edivaldo (*in memoriam*), pois onde quer que eu vá te levo no coração e na memória. Maria do Socorro, por todos os ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço para agradecer a todas as pessoas que contribuíram e contribuem seja de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho, como também na minha vida acadêmica e pessoal.

A Deus primeiramente, por me proporcionar chegar até aqui e realizar mais esse sonho, pela força e coragem nos momentos mais difíceis desta caminhada.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pelo ensino público e de qualidade. Em especial ao Campus Avançado de Patu.

A minha família (Maria do Socorro, Alexandra, Fabiola e Matheus Ryan) pelo apoio, compreensão e afeto. Obrigada por acreditarem em mim e nos meus sonhos, me incentivando a continuar quando o desânimo chegava.

A minha orientadora, professora Francisca Lailsa Ribeiro Pinto, por transmitir o amor pela literatura e pela pesquisa, durante toda a graduação. Gratidão pelos conhecimentos compartilhados durante os encontros do PIBIC e no projeto institucional *Caleidoscópio literário de autoria feminina*, foi muito gratificante fazer parte dessa caminhada de pesquisa, conhecimentos e afetos. Obrigada pela paciência e carinho no processo de orientação desta monografia, você é um exemplo de profissional e ser humano.

Aos colegas da graduação que fizeram dessa caminhada mais leve e alegre, pelos momentos de risadas e de compartilhamento de estudo. Em especial ao “meu grupinho” José Nilton, Ingrid, Jonnas, Felipe e Thanara, sem vocês não teria sido a mesma coisa.

A todas professoras/es do Departamento de Letras Vernáculas - DLV pelo conhecimento compartilhado durante todo o processo de graduação. Obrigada pela oportunidade de aprender um pouco a cada com vocês durante esses quatro anos.

Em especial a professora Dr^a Annie Tarsis Morais Figueiredo, por ter transmitido o seu amor pela literatura, pelos conhecimentos compartilhados durante as aulas de literatura portuguesa e por ter aceitado fazer parte da banca examinadora desta pesquisa.

Ao professor Dr. José Marcos Rosendo de Souza (UECE), por ter aceitado fazer parte da banca examinadora e contribuir com esta pesquisa.

Passaram dias, meses e anos de desafios e recomeços até chegar até aqui, com isso agradeço imensamente a todos/as que fizeram parte desta caminhada, mãe, família, amigos/as e professoras/es, sem vocês não teria sido a mesma coisa. Obrigada por partilhar e acreditar nesse sonho juntamente comigo. Carinhosamente, meu muito obrigada!

*Minha alma tem o peso da luz.
Tem o peso da música.
Tem o peso da palavra nunca dita,
prestes quem sabe a ser dita.
Tem o peso de uma lembrança.
Tem o peso de uma saudade.
Tem o peso de um olhar.
Pesa como pesa uma ausência.
E a lágrima que não se chorou.
Tem o imaterial peso da solidão no meio de
outros.*

Clarice Lispector

RESUMO

O tema da morte historicamente foi silenciado e considerado um tabu para a sociedade ocidental, o qual não se ousa falar sobre esta, por ser incompreendida e vista como algo mórbido, e os textos literários refletem um pouco sobre isso. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar como as fases do luto afeta a construção da protagonista não nomeada na prosa poética *O peso do pássaro morto* (2017) de Aline Bei, em seu processo de metamorfose, e identificar como a personagem encara a morte do outro e de si em cada fase de sua vida, provocando o afeto desamparo. Desta maneira, a prosa poética, narra a história da protagonista e as situações traumáticas de sua vida, dos 8 aos 52 anos, como retratos de seus eventos de morte, gerando o sentimento de desamparo, o que só na fase madura a personagem se abre para uma “nova vida”. O ato de relembrar suas dores causa um certo luto, mas o passar pelas experiências a faz prosseguir e cicatrizar algumas feridas adquiridas ao longo de sua vida. Assim, se faz relevante entender o processo do luto da protagonista para se refletir e compreender seus efeitos na construção de vida do sujeito. Para o estudo sobre o desenvolvimento da pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo serão utilizadas as contribuições teóricas de Giorgio Agamben (2009), Goldstein (2006), Antonio Candido (1976), Regina Dalcastagnè (2005); além das discussões sobre a morte apresentadas por Susan Sontag (2003), Edma Góis (2017), Philippe Ariès (2012), Byung-Chul Han (2020) e Norbert Elias (2012), para pensar como a morte se apresenta na narrativa e seus efeitos na protagonista. Esta é entendida como potência de vida, que impulsiona a personagem a viver, mesmo que as circunstâncias não lhe sejam favoráveis. Assim, por medo e pela dor a protagonista acaba se trancando em um íntimo silêncio, se inviabilizando e sendo inviabilizada, pois é através do desamparo, por não ter apoio e acolhimento das pessoas a quem constitui como família, ela se aprisiona no seu próprio silêncio, e acaba cada vez mais se fechando para os afetos e relações com os outros. Mas suas duas dores a faz experimentar a vida até então.

Palavras-chave: Morte; Metamorfose; Afetos; *O peso do pássaro morto*; Prosa Poética Brasileira.

ABSTRACT

The theme death has historically been silenced and considered a taboo for western society, which does not dare talk about it, as it is misunderstood and seen as something morbid, literary texts reflect a little on this. From, this research aims to analyze how the phases of death and the affect the construction of the unnamed protagonist in the poetic prose *O peso do pássaro morto* (2017) written by Aline Bei, process of metamorphosis, and how she views the process of the death of the other and of herself, at every stage of her life, causing the helplessness affection., In this way, the poetic prose narrates the protagonist's story, the traumatic situations in her life, from 8 to 52 years old, as reflections of her death events, generating a feeling of helplessness, which only in the mature phase does the character open up to a "new life". The act of remembering her pain causes a certain grief, but going through the experiences makes her go on and heal some wounds acquired throughout her life. Thus, it is important to understand the protagonist's mourning process in order to reflect and understand its effects in the construction of the subject's life. For the study of the development of qualitative-interpretative research, the theoretical contributions of Giorgio Agamben (2009), Goldstein (2006), Antonio Candido (1976), Regina Dalcastagnè (2005); in addition to the discussions about death presented by Susan Sontag (2003), Edma Góis (2017), Philipp Ariès (2012), Byung-Chul Han (2020) and Norbert Elias (2012) to think about how death presents itself in the narrative and its effects on the protagonist. Thus, the unnamed character, when visualizing the death, of the other and of herself, modifies her view of life, transforming it into a being-in mourning, but in constant rebirth. In this way, out of fear and pain, the protagonist ends up locking herself in an intimate silence, making herself unfeasible and unfeasible, as it is through the helplessness, for not having the support and acceptance of the people she constitutes as a family, she is imprisoned in her own silence, and ends up increasingly closed to affections and relationships with others. However, two of her pains make her experience life until then.

Keywords: Death; Metamorphosis; Affections; *O peso do pássaro morto*; Brazilian Poetic Prose.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	CAPÍTULO 1 - AS NARRATIVAS DA MORTE NA PROSA POÉTICA BRASILEIRA	13
2.1	A morte como ruptura de vida e o viver com luto na literatura	14
2.2	As fases do luto na relação da família da protagonista	25
3	CAPÍTULO 2 - A METAMORFOSE DA MORTE	33
3.1	Luto e violência: a ferida que cicatriza?	33
3.2	Uma constante paixão por metamorfose	42
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	55

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A morte para a sociedade contemporânea ocidental às vezes é considerada como uma incógnita e difícil de se lidar para o sujeito que passa pelo processo de perda e de luto, pois em muitos momentos é percebido como algo mórbido e permeado por um tabu sobre o tema. Nesta perspectiva, o tema da morte enquanto ruptura do fluir da vida é um constante repensar sobre a vida, ou seja, ao entender melhor as perdas e as fases do luto conseqüentemente o sujeito reflete sobre seu viver, e a literatura contemporânea permite reler isso.

Esta pesquisa objetiva-se analisar como as fases do luto afeta a construção da protagonista não nomeada na prosa poética *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei em seu processo de morte e metamorfoses no decorrer de sua vida. E a partir disso observar como a protagonista enfrenta a morte do outro através da sua amiga Carla na infância, e de si a partir da violência do estupro na adolescência, e assim discutir como isso reflete no seu fluxo de vida. Para assim compreender o seu processo de metamorfose e renascimento a partir das suas dores acumuladas ao longo do passar dos anos. Aqui a morte é entendida como processo de reinício de vida para que a protagonista continue (sobre)vivendo.

O interesse por estudar o romance de Aline Bei parte inicialmente das discussões e inquietações realizadas no PIBIC por meio do projeto *Um espaço contestado: as vozes são outras na literatura contemporânea*, assim como pela necessidade de ampliar as interpretações do texto literário a partir da temática da morte como mais uma experiência da vida, que permeia o universo feminino e a literatura.

Embora já haja algumas pesquisas que aborde o tema da morte em títulos de literatura de autoria feminina, ainda é pouco explorada sobre a perspectiva da morte como ruptura, transformação e renovação de vida através de personagens femininas, com suas dores e problemáticas. E a partir disso se percebe a importância de se pesquisar textos literários que traz em sua composição várias possibilidades de mortes vivenciadas no universo feminino através de personagens de ficção que nos mostram perspectivas sobre a sociedade a qual estamos inseridas/os.

A escritora Aline Bei com seu primeiro romance *O peso do pássaro morto* (2017) venceu o Prêmio São Paulo de Literatura e o Prêmio Toca, com uma escrita em versos livres, uma prosa em estilo de poesia. Assim, com as narrativas de autoria feminina na literatura brasileira, o texto de Bei passa por algumas questões de gênero na sociedade contemporânea, com uma personagem feminina que perscruta problemas como a morte, a maternidade,

violência sexual, além da “morte-de-si”, como possibilidade de recomeço de vida. Temas estes invisibilizados pela sociedade ao longo da história da humanidade.

A partir disso busca-se perceber como a morte impacta na vida da protagonista da prosa poética de *O peso do pássaro morto*, no seu processo e encontro da vida e de si. A morte sugerida na narrativa de Aline Bei é um tema que circula a construção da protagonista na narrativa. Diante de vivências traumáticas e perdas, que a desperta para a consciência sobre a morte e rompe com o seu percurso de vida.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa é a crítica analítica do texto literário por meio da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que se fundamenta nas ideias do autor Philippe Ariès (2017) que tece uma pesquisa etnográfica sobre as atitudes da morte durante a história da morte no ocidente. O contexto histórico sobre o tema da morte do início da Idade Média até a contemporaneidade, em que não era vista como ruptura, mas como uma naturalização dos acontecimentos de maneira domesticada, até percebida como assunto proibido. Além das contribuições de Susan Sontag (2003) em relação as discussões sobre o tema da morte percebida nas pinturas, fotografias e nas imagens, como maneira de representação da dor através da arte, o que coaduna com a crítica de Edma Góis (2018) sobre as narrativas literárias contemporâneas brasileira.

Para poder entender o que é considerado como contemporâneo nos serviremos dos estudos de Giorgio Agamben (2009), pois é necessário que os/as escritores/escritoras lancem um olhar sobre o que ainda não é percebido pela sociedade, ou seja, contemporâneo do seu tempo e da visão que tinham nas estéticas literárias anteriores. Além das contribuições de Antonio Candido (1976) para perceber o caráter social que as produções literárias possuem, o social e o ficcional conversam entre si, pois parte-se do externo (social) para o interno (pessoal ou ficcional). E as discussões de Regina Dalcastagnè (2005) sobre como a personagem de ficção feminina são apresentadas nas narrativas escritas por homens e mulheres, a diferença que ocorre quando a personagem traz problemáticas distintas a partir da autoria do texto. E Goldstein (2006) para discutir sobre a narrativa em formato de prosa em versos.

Em relação a abordagem sobre o afeto do desamparo, defendido por Safatle (2015), este apresenta que mesmo o indivíduo se sentindo desamparado continua vivendo como forma de sobrevivência, mesmo estando em um espaço familiar que deveria ser propenso para o acolhimento e a aceitação. E para um melhor entendimento de como a morte é encarada, usaremos as contribuições teóricas de Byung-Chul Han (2020) sobre como a morte do outro afeta o indivíduo na construção de si e de sua vida. Além das ideias de Norbert Elias (2001) em

que aborda que na sociedade as pessoas se isolam do outro como forma de sua própria morte e ao não compartilhar suas dores com ninguém o sujeito passa a desenvolver uma morte de si. Isso para analisar como a protagonista entende a morte de si e do outro no seu processo de vida. A ferida causada pela dor das perdas causa cicatrizes de difícil desaparecimento e gera um processo de sobrevivência e transformação na personagem.

Esta pesquisa é composta por dois capítulos. O primeiro intitulado como *As narrativas da morte na prosa poética brasileira*, que se subdivide no tópico 2.1 *A morte como ruptura de vida e o viver com luto na literatura*, que abordará sobre algumas narrativas literárias brasileiras que conversam com a narrativa de *O peso do pássaro morto* de Aline Bei, que traz em suas narrativas o contexto da morte, e assim mostrar como esta permeia a vida das personagens na literatura. Já no tópico 2.2 *As fases do luto na relação familiar da protagonista* através do enfrentamento e das reações diante das perdas a personagem não nomeada é cercada por símbolos que por vezes aparecem associados à morte, como a da borboleta e do Jesus menino, presente nas fases de morte enquanto ruptura. Além de apresentar como a protagonista encara a morte na relação com sua família e esta a deixa em situação de desamparo. Neste sentido o contexto da prosa poética de Bei questiona o gênero literário e aproxima o/a leitor/a da personagem pela fluidez da narrativa, como se também vivenciássemos aquela história.

No capítulo, *Metamorfose da morte* será considerada a visão da personagem sobre como entende a morte enquanto transformação. No tópico 3.1 *Luto e violência: A ferida que cicatriza?* Partindo deste questionamento será discutido sobre a dialética da ferida que fica com a protagonista após suas perdas e como esta povoa toda narrativa. O ato de lembrar suas dores provoca o constante luto, mas esse retorno às memórias possibilita cicatrizar suas feridas e continuar a viver. E por conseguinte no tópico 3.2 *Uma constante paixão por transformação*, a protagonista, assim como o ser humano, busca essa paixão pela transformação para poder viver uma nova vida. Desta forma mostrará como ela caminha a partir da mudança de casa e como isso mudará sua percepção sobre a vida.

Diante disso, percebe-se que a personagem, desde o início da narrativa, participa da complexidade do luto e do processo de transformação que a acompanhará em todo seu ciclo de vida e nos momentos de dores, com isso o outro se faz importante para a formação de identidade e na construção do seu ser. Assim, é como se precisássemos viver estes conflitos e dores juntamente com ela, com Bei, para entender a sua transformação de morte na experiência da vida.

2 **CAPÍTULO 1 - AS NARRATIVAS DA MORTE NA PROSA POÉTICA BRASILEIRA**

O presente capítulo tem como intuito apresentar o tema da morte sugerido nas narrativas de autoria feminina, como maneira de relatar as dores e o luto através da personagem de ficção, de *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei, por meio da personagem não nomeada. Esta pesquisa se dispõe a analisar alguns dos seus aspectos, se debruçando a partir da vivência da protagonista com as mortes que permeiam o universo feminino, com suas dores e angústias.

As atitudes diante a morte são divididas didaticamente em fases para uma melhor compreensão sobre como vem se fixando e se renovando na cultura ocidental, desde a Idade Média encarada como natural e doméstica até chegar na atualidade permeado pelo silêncio e o tabu, em que o sujeito não ousa falar abertamente. Assim, para construção deste capítulo será utilizado como fundamentação as ideias de Philippe Ariès (2012), Edma Góis (2017), Safatle (2015), Agamben (2009), Antônio Candido (1976) e Regina Dalcastagnè (2005). Tendo em vista que a literatura compartilha de elementos que circunda o real e o ficcional, o se debruçar sobre estas narrativas com um olhar crítico e analítico é considerar a morte como potência de vida.

A morte será analisada a partir das experiências cotidianas da protagonista, sugerida como ruptura de vida através das perdas e das dores da personagem de ficção, de viver com o luto de ser e o existir a transformando a partir do que fizeram com ela, um eu a partir da dor e do desamparo, mas mesmo desamparada continua vivendo e constituindo sua identidade como um “ser-com-luto”.

E a partir disso iremos caminhar com as narrativas da literatura brasileira feminina, sobre o que é considerado contemporâneo associado a morte, como se fosse necessário contar essas vivências e traumas que permeiam o feminino. A estrutura estética da prosa poética de Bei se apresenta em uma hibridez de dois gêneros literários e ao longo da leitura cria imagens pela disposição da narrativa, como os poemas concretistas. No segundo tópico iremos nos debruçar nas fases do luto e como os símbolos se apresentam como prenúncio do morrer, como a borboleta e o Jesus menino que acompanha a personagem em seus processos de perdas, no entanto passa a ser um renascimento de vida.

2.1 A morte como ruptura de vida e o viver com luto na literatura

As narrativas tidas como contemporâneas são consideradas como as veiculadas em seu tempo presente. Logo, em uma conceituação geral o termo contemporâneo é considerado como algo atemporal e indeterminado, e para a sociedade do século XXI são as produções posteriores ao pós-modernismo. Isso é, está inserido em um tempo e espaço e todas as produções já foram contemporâneas de um tempo anterior.

O contemporâneo pode ser considerado como a inadequação do sujeito com o seu tempo presente, o qual é necessário se distanciar do hoje para poder enxergar a sua própria realidade. Como um anacronismo, para poder visualizar o momento que está inserido e suas escuridões, do que não é comumente aceito é necessário lançar um olhar para as peculiaridades que ainda não estão publicamente expostas. Nesta perspectiva Agamben (2009) em uma de suas definições afirma que

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

A partir disso as produções literárias consideradas como contemporânea trazem em sua composição a escuridão de sua época, mas ao mesmo tempo visualiza uma luz para além dela, pois as artes e a literatura caminham por meio desses espaços de escuridão. Como a narrativa de Aline Bei, que problematiza o próprio gênero literário, trazendo elementos da prosa e da poesia em sua narrativa e além disso discute a temática da morte considerada tabu para a sociedade. Assim, é preciso olhar de forma mais crítica sobre os incômodos e as obscuridades de uma sociedade, para ser considerado contemporâneo.

A marca das produções estéticas e literárias de autoria feminina produzidas no século XXI passa a desnudar problemáticas e temáticas que por muito tempo foi silenciado e deixado à margem como reflexo da sociedade, pois indagam e observam o passado para compreender o agora, o que já foi feito não contempla suas necessidades na atualidade. Como ressalta Dalcastagnè (2005) que “neste caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15), mas aos poucos esse cenário foi sendo

mudado, com mais mulheres escrevendo e sendo devidamente reconhecidas a partir de suas produções.

A narrativa *O peso do pássaro morto* (2017) de Aline Bei, tem um estilo de escrita bastante característico da autora, uma escrita em prosa poética em um romance em versos livres marcante em sua experimentação formal dentro da estética literária brasileira, que traz recursos da poesia no romance. A partir de uma estrutura que não é esperada para uma prosa, pois subverte o considerado “normal” na estrutura narrativa, mas possível na literatura contemporânea, através de uma escrita cheia de significados, símbolos e silêncios, que falam por si só no tecido romanesco.

Como pode ser observado no trecho a seguir em que a protagonista tem o seu primeiro contato com a morte do outro, por meio da finitude existencial da sua amiga Carla, que se dá no primeiro capítulo intitulado como “aos 8”.

na portaria do colégio,
eu atrás
procurando os
rastros
e de repente
ela Morreu,

o diretor vestindo preto
bateu na porta da minha
sala dizendo:

- *Carla
está morta.*

sua voz um Piano caindo em mim (BEI, 2017, p.17-18).

Nota-se que ao ouvir que sua amiga Carla está morta, algo a devasta como um peso imenso caindo de forma repentina em sua vida, mesmo sem saber muito bem o que isto significava e seus posterior efeitos. A protagonista que antes deste acontecimento não tinha tido contato e vivenciado perder alguém de seu círculo afetivo, e isso mudará sua percepção sobre a sua vida. De acordo com as ideias de Han (2020) é a partir da morte do outro, da amiga, que a personagem compreenderá a si mesmo.

Assim, partindo das ideias de Goldstein (2006) sobre a estrutura de prosa poética, o texto literário construído por Aline Bei possui uma estrutura que visivelmente aparenta uma leitura de poema com aspecto formal e rítmico da poesia, escrito em versos livres que dá ênfase e significação às palavras a partir do desmembramento coerente das frases nas páginas do livro. Algumas palavras às vezes são escritas em maiúsculo no meio do verso ou escritas

isoladamente, também é perceptível a repetição de palavras e letras como na poesia. Mas também é uma prosa de ficção, pois narra a história da personagem e narradora, não nomeada, em uma linearidade dos acontecimentos. E além disso, possui caráter de oralidade como se ouvíssemos, mesmo em leitura silenciosa, um recital de poemas pela experiência sonora provocada pela leitura, combinando prosa e poesia em um mesmo texto.

É muito acrescentar que as narrativas da literatura brasileira, historicamente, a mulher foi apagada e silenciada do campo literário até mais ou menos o século XX. Vale ressaltar que “apesar da abertura para a escritura de autoria feminina a partir de 1980, especificamente nos anos 1990, as autoras ainda encontram muitos desafios, pois suas obras são consideradas, em muitos casos, como subliteratura ou literatura de segunda categoria” (MENEGASSI; BORGES, 2017, p. 472). Desta forma, registros de romancistas e mulheres na prosa e na poesia são de difícil acesso. Mas o contemporâneo possibilita revisitarmos e reler narrativas de escritoras que trazem prosa e poemas com a temática da morte. Algumas escritoras na tentativa de romper com a barreira de uma sociedade machista e patriarcal e publicaram seus escritos, como Luiza Amélia de Queiroz escritora e poeta piauiense que aborda sobre estas vozes silenciadas, um morrer no silêncio de não poder escrever e viver livremente diante de uma sociedade sexista.

Na sua poesia Amélia aborda sobre os questionamentos e problemáticas dos anseios das mulheres, dentro da literatura oitocentista, em um universo de dores destinado ao feminino, isso em pleno século XIX, indo de encontro com as ideias de sua época. E assim, contribuiu de forma significativa para que outras mulheres adentrem neste campo historicamente minado para o gênero feminino. Neste viés, assim como autores canônicos do romantismo, Amélia caminha pela temática da morte imerso em poemas do seu livro *Flores incultas* (1875) que também traz o pessimismo, o bucólico assim como a morte, percebido em um dos seus poemas como “Sempre dor”:

Sempre dor
 [...]
 Já sem saber onde os ponha,
 E d’esta vida enfadonha
 Tendo tédio a tanto horror;
 Volvo-os além; vejo um túmulo,
 Que é sempre o feliz êmulo
 Do fado perseguidor.

[...]
 Pelos meus abandonada,
 Mas também sem dor sentir
 (QUEIROZ, 2015, p. 100 *apud* SILVA; QUEIROZ, 2020, p. 98)

O eu lírico ressalta sua dor, seu cansaço e tédio da vida, visualizando a morte como uma fuga de uma vida infeliz, pois carrega um fardo que a persegue que deixa o eu lírico se sentindo desamparada pelas pessoas que deveriam lhe dá apoio e consolo, e reconfigura a morte como alívio do seu sofrimento, como um “êmulos” que possibilita ver a morte como sua única saída e felicidade. Desta maneira, coaduna com a personagem do romance em análise que sofre diante da vida e carrega o fardo de existir com suas dores, se sentindo desamparada, o túmulo traz sentimentos de esperança de felicidade, como sinônimo de renascimento.

Várias autoras como Luiza de Queiroz, Carola Saavedra, Noemi Jaffe e Lorena Portela escrevem sobre a dicotomia de morte e vida, como estratégia para abordar sobre um tema denso, pois escrever sobre a morte é ao mesmo tempo escrever sobre a vida. Em um mundo afogado no materialismo e de angústias, em que o amar sem ser na presença do hoje, ocasiona sentimentos de dor. O tema da morte se fixa nas coisas mais simples do dia a dia, nas constantes violências domésticas e social, na violação em relação aos direitos das mulheres, na falta de empatia com o outro, em relações voláteis e vazias de sentido.

A morte pode ser entendida não somente como a finitude da experiência de viver, mas o que nos mata todos os dias pelos traumas, como a personagem de Bei, que deixa de ser quem ela é para se reconhecer como o que lhe aconteceu, o estupro e a perda dos seus. Assim, a literatura se torna um instrumento de poder para discutir temas que oprime e silencia várias pessoas que vai além do ficcional, uma grande teia entre as narrativas como se estivéssemos em círculos de histórias.

Outra obra que também segue essa perspectiva é o romance de formação *Com armas sonolentas* (2018) de Carola Saavedra, que narra a história de três mulheres que se interligam entre si na narrativa, entre Maik, que não sente-se pertencente a nenhum espaço, e a partir daí sai em busca de sua identidade, a personagem sem nome, que aos catorze anos migra para trabalhar como doméstica no Rio de Janeiro e lá na casa dos seus patrões vivencia uma relação complexa com a família de D. Clotilde, é assediada e sofre violação do seu corpo, estupro, além de ser explorada e oprimida de liberdade. Dois acontecimentos que marca sua vida é a morte da avó, gerando o constante desamparo em sua vida, mas para o escape da dor ela tenta rememorar os momentos com ela, para não vivenciar a morte do esquecimento também. E a violência praticada por Renan, filho de D. Clotilde, que culmina em uma gravidez que hora é desejada, hora não, pois é abandonada logo em seguida que descobrem que ela está grávida, e a personagem não têm apoio, a não ser com a avó que de forma mística aparenta estar viva para a personagem e na narrativa.

Já a personagem Ana, filha da personagem sem nome, também vivencia uma maternidade não desejada, e assim as três em seu processo de vida buscam por sua identidade, pois de certa forma se sentem mortas mesmo em vida, falta-lhes algo. Com isso nota-se que a personagem, sem nome, do romance de Saavedra se parece em alguns aspectos com a protagonista do romance de Bei em seus processos de morte, pois ambas vivenciam a morte do outro, o estupro, uma morte de si e de escolhas. O tecido narrativo é estrutura como uma “fita de Möbius” um constante círculo que sempre volta para o início, narrando as mortes silenciosas das personagens.

As estéticas literárias de cada época pedem um novo olhar sobre suas produções, não se tem uma regra fixa para escrever romance, como se percebe nas narrativas de Bei e Saavedra. As obras possuem estruturas estéticas diferentes, porém caminham para uma nova maneira de apresentar os romances, o que concerne em “novas formas diante de algumas narrativas de difícil apreensão de um gênero, porque insinuam uma escrita que se distancia do modelo tradicional ainda a procura de uma “definição” (GÓIS, 2017, p. 6), moldado por misturas de gêneros e/ou estruturas diferentes na construção das narrativas.

O livro de relato *Lili: novelas de um luto* (2021) de Noemi Jaffe, em uma narrativa sobre a morte, fala sobretudo sobre a vida e o que o sujeito faz quando ainda está vivo. Ao narrar sobre a perda de sua mãe Lili, uma sobrevivente do holocausto e grande aceitadora da vida, a filha narradora relata em primeira pessoa as ausências que permeia o luto, que mesmo a mãe partindo de uma morte finita, vive e se torna palpável através do cotidiano e da fina “película de ar”, da lembrança por meio do mais puro significado do que é o amor. O se apegar a Deus se torna para a narradora esse escape da dor e o seu equilíbrio e que a possibilita respirar, já a escrita a faz se sentir mais perto da morte e conseqüentemente de sua mãe.

O que estas obras têm em comum é o enfrentamento do luto de maneira mais solitária e íntima do indivíduo, trazendo uma morte que sempre rompe com a fluidez da vida, gerando o luto, dor e angústia para as personagens. Como também o livro *Primeiro tive que morrer* (2021) de Lorena Portela em que a personagem ao vivenciar um momento de colapso em sua vida, nos faz refletir sobre as mortes vivenciadas e as coisas que permitimos morrer em nós, como por exemplo, pelo trabalho excessivo, relacionamentos e afetos que nos afunda em abismos, amizades tóxicas, estas invisíveis aos olhos dos outros. Assim, a morte aqui não é entendida em seu sentido literal, mas como uma morrer apesar de estar viva, como se fosse em um piloto automático. Utilizando-se das ideias de Ariès a personagem se torna um “ser-para-a-morte”,

ocasionado por vários acontecimentos no seu cotidiano, mas ainda continua vivendo e renascendo, um constante ciclo.

A narrativa de *O peso do pássaro morto* traz uma narradora e personagem, não nomeada, que em seu percurso de vida caminha por diferentes dores. Apresentada em cada capítulo como um álbum de fotografias, que a personagem assim como o canário, na frase de epígrafe do livro, de tanto tentar caber na palma da mão, acaba morrendo. A protagonista tenta não se equiparar com suas dores, e continua vivendo, apesar de suas mortes. A partir da morte do outro, de sua amiga Carla, vivenciada em sua infância que modificará sua forma de ver o mundo. Como a sua morte na fase da adolescência, aos dezessete anos, por meio do estupro que culminará em uma morte de ser e estar no mundo.

Aline Bei em sua narrativa traz poesia através das palavras, com um tema que nos atravessa, a cura para a dor e para o luto não existem, e a personagem tem de viver com o fluxo natural da vida, em constante movimento entre momentos de tristeza e alegria em seu ciclo de vivências e aprendizagens, pois sempre haverá momentos que não se consegue ter total controle sobre o que lhe acontece, mas é necessário vivê-los da forma que for possível, assim como também na vida tem momentos de calma e felicidade. Desta forma, a oportuniza ver e sentir a vida no ciclo de nascer, crescer e morrer e a partir disso renascer.

Assim, o tema da morte nas narrativas de autoria feminina na literatura brasileira, é um tema bastante recorrente, tendo em vista que para a sociedade ocidental contemporânea a morte e o morrer muitas vezes se torna um tabu. Mas nas narrativas faz o movimento inverso, por meio de personagens que lidam e tentam renascer após o luto, proporcionando outra leitura deste lado mórbido ao qual é tratada o tema. Como a narrativa em análise que aborda de forma leve e reflexiva sobre como lidamos com o ato de morrer durante uma vida, através da protagonista.

A ideia de morte reverbera na personagem da narrativa de Aline Bei no contato com diferentes vivências através da perda. Isso acontece em curtos intervalos de tempo na vida dela. O que pode ser percebido na construção de vida da personagem, que em cada fase e ano de sua existência percebe que algo vai morrer. Assim, a protagonista passa a sua vida toda lutando contra a morte de si, e de acordo com Han (2020), ser significaria ser contra a morte, ou seja, para a construção de sua identidade ela tenta não se afundar na dor e no luto. E acrescenta que a morte significa a derrota da vida, não existe uma reconciliação pensável. Mas a protagonista procura seguir lutando constantemente em favor da vida, mesmo descontente por ser ela mesmo, continua vivendo e existindo:

aproveito e tiro uma foto
 de dentro da minha cabeça. daqui um tempo
 olharei pra ela e
 ficarei triste
 por eu ser eu mesma
 e não haver outra saída possível pra deixar de ser eu e
 ainda assim seguir vivendo
 (BEI, 2017, p.76).

Observa-se que a protagonista mesmo diante de uma vida triste por ser ela mesma e não ter conseguido alcançar o que almejava para si, as circunstâncias a levaram para a vida que ela possui, decide seguir apesar do luto de ser. O não dito, o silêncio, possivelmente foi um dos maiores fatores após a violência sexual ocorrida na adolescência, aos dezessete anos, contribuindo para o para o “não ser” da personagem e não viver da forma que almejava durante uma vida pautada apenas em sobreviver.

A partir da temática da morte, que interrompe a continuidade da vida, representa o fim de algo de maneira abrupta, vivenciado pela personagem a partir da morte do outro, de sua amiga Carla, ou a partir de uma nova perspectiva, como algo que termina para que outra ressurgja, em meio aos destroços do que foi anteriormente, por meio de um recomeço de vida a partir do luto. A ideia de um novo começo ou renovação, ou seja, o sujeito tem que seguir apesar dos acontecimentos trágicos que lhe afetaram, estando em um eterno recomeço e transformação de ser e estar no mundo, que o faz seguir adiante.

De maneira expressiva percebe-se a vivacidade que são construídos os discursos das narrativas e nas personagens quando tratados sobre a morte. Sabendo que o primeiro indicativo de vida é o nome (da personagem), na narrativa e a autora suprime essa informação pois o não nomear a personagem faz com que esta história possa ser de outras mulheres, uma possibilidade de nomear as figuras femininas que se reconhecem através da protagonista, e também mulheres que são anônimas e silenciadas em seu processo de vida. Candido (1976) acrescenta que a personagem de ficção é o elemento com caráter mais “vivo” dentro da narrativa de maneira mimética com a realidade, através de sua fragmentação dá impressão ao leitor/a essa vivacidade apesar da personagem ser fictícia.

Para contextualizar a própria estrutura do texto de Bei, é construída em passagens da vida da protagonista dos 8 aos 52 anos, narrado a partir de suas fases de rupturas e transformações de vida, que está repleta de um ser com luto, e é moldada a partir dele. O ritmo dos versos da prosa “a partir da segunda década do século XX, a vida das pessoas tornou-se mais liberta de padrões e mais imprevisível. O ritmo dos poemas acompanhou o processo: tornou-se mais solto, mais livre, menos regular, menos simétrico” (GOLDSTEIN, 2006, p. 20).

A vida, como a poesia, acompanha seu tempo, como se cada época pedisse um novo olhar sobre o viver, a sociedade e a arte, e conseqüentemente sua maneira de lidar com os problemas sociais. Assim é a narrativa de Bei, livre de estruturas fixas e caminha pelos dois gêneros prosa e poesia, e a personagem lida com os recursos que tem para não morrer.

Diante da morte, o sofrimento é um tema secular, que atravessa gerações como material de criação para os artistas. A imagem provocada pela narração da personagem não nomeada se torna um convite para olhar a dor através de fotografias. De acordo com as ideias discutidas por Sontag (2003) diante o sofrimento do outro, a visualização de imagens de guerra de morte representadas através de fotografias é uma maneira do artista chamar atenção do observador para o que está acontecendo, “você é capaz de olhar para isso?” (SONTAG, 2003, p. 110), como uma provocação sobre a capacidade do sujeito de conseguir olhar para a dor do outro, por exemplo, as pinturas do artista espanhol Goya que retratam a crueldade da guerra em sua arte. E na atualidade não se torna diferente, apenas porque estas imagens fotográficas são mais difundidas, através dos recursos tecnológicos, e assim mostradas como um vestígio da dor. Durante a narrativa de Aline Bei apresenta um compilado de fotografias de vivências traumáticas através do texto sobre a personagem do romance.

Com isso, as situações consideradas como traumática é relativo de pessoa para pessoa, mas para a personagem é advindo das experiências negativas em sua vida que fica marcado em sua memória, como a morte de sua amiga Carla, a violência sexual sofrida, que desencadeará nos sentimentos de desamparo e dor. A morte é em si feia, negativa e triste, apenas pela interpretação da razão (da protagonista), mas também possibilita de transformação. E é só a partir dos momentos de mudanças que se pode ter vivências harmoniosas e tranquilas em solitude.

Nesta perspectiva, no decorrer da narrativa se tem indicações de imagens como símbolo de morte ou de transformação, como a escultura do menino Jesus, “o deusinho” mencionado na narração, que acompanha a personagem em toda sua jornada, associado de maneira indireta com a própria trajetória de Jesus Cristo menino.

De forma análoga, bíblicamente só chegamos a conhecer a história de Jesus no nascimento e uma passagem rápida dele aos 12 anos e após só dele adulto. Dito isso, na Bíblia é apresentado em Mateus (2: 16), que após Herodes, rei dos judeus, ao saber do nascimento do menino Jesus mandou matá-lo, e não encontrando mandou matar todas as crianças homens de dois anos que residiam em Belém e na região. Assim teve de lidar com o prenúncio de morte desde a infância, e conviver com isso e seguir vivendo. Como ressalta Ariès (2012)

Cristo em pintura e em escultura e o inesgotável catálogo visual das diabólicas execuções dos mártires cristãos — essas são seguramente obras destinadas a comover e estimular, instruir e dar exemplo. (...) encorajado pela fé e pela força moral exemplares —, mas esses são destinos situados além da lástima e da controvérsia (ARIES, 2012, p. 108-109).

As imagens sacrossantas da vida de Jesus Cristo se tornam um convite à reflexão da morte por meio de alegorias e atributos que “se extrairiam agradavelmente” (HAN, 2020, p. 38). Por isso, prestar atenção sobre o sofrimento repassado por imagens e símbolos na vida de um sujeito desponta o sentir a vida em si mesmo, existir de fato sem a espera da imortalidade. E desta forma, no excerto do romance a seguir, pode-se notar que a personagem se identifica com a imagem do “deusinho” desde a infância, e leva consigo nas diferentes fases de sua vida, como forma de agradável alegoria do curso da vida, de esperar a fé da razão de estar vivo.

A protagonista ao questionar a sua mãe sobre a morte da amiga Carla, lhe responde que a parte física e carnal se esvai e vai para debaixo da terra, nas sepulturas, mas no céu fica a parte viva que é a alma, que não morre nas pessoas, não como forma de saudade pois a saudade faz parte do outro, de quem está vivo, mas o lembrar a torna viva em algum lugar:

a saudade é amor e é dos vivos,
estou falando da coisa viva que fica nos mortos,
minha mãe chama de:

– *alma*.

eu
prefiro chamar de:

– *quando o deusinho teimoso mora na gente*
(BEI, 2017, p. 27-28, grifos da autora).

E mais do que isso, é o seguir acreditando que as pessoas não morrem, pois sempre permanecem vivas em nossa memória e se faz presente durante toda a vida, pois para ela só se esvai a parte física, o que nos atravessa sempre continuará vivendo, como na fé cristã no menino Jesus, o “deusinho” mesmo morto continua vivo na gente e no seguir acreditando. E apesar de vivenciar o luto, do outro que se esvai, a personagem continua carregando na memória a amiga Carla, em um constante lembrar. A personagem após situações trágicas em sua vida como a morte da sua amiga Carla, conhece o que é a morte na sua infância, levando consigo também sua inocência.

A narração de *O peso do pássaro morto* se assemelha ao relato de experiência de Noemi Jaffe, pois narra e conta sobre o processo do luto e de como cada personagem, de forma distinta enfrenta a morte como processo que as fazem viver. Pois a dor vivenciada pelas personagens de certa forma também nos toca, tendo em vista que a narrativa é composta por tempo/espaço, enredo e personagem, que possibilita de forma imagética aproximar o mundo ficcional do real, com acontecimentos vivenciados por várias pessoas. A literatura possibilita fazer o movimento da leitura do texto literário para pensar o contexto e a história da sociedade, assim, a arte literária explicada a partir dos fatores sociais que envolve o tema. Como ressalta Antonio Candido (2006)

saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros (CANDIDO, 2006, p.17- grifos do autor).

Um ponto fundamental para se discutir a literatura é o fator social contido na obra literária, pois o externo considerado como o social se torna a própria obra literária, o externo e o interno passam a ser um só, ou seja, o social está contido na obra de arte ficcional e literária. A crítica e a sociologia possibilitam o/a leitor/a investigar o texto literário por meio da história, como construção artística. Por exemplo, a narrativa em análise revela a sua interligação com o presente através da possibilidade de discussões atuais sobre as vivências das pessoas em sociedade e a forma como cada sujeito lida com a perda, o que nos leva a compreender como as imagens da morte é construída para a protagonista. Nesta perspectiva, o fator social, econômico e crítico é o ponto de partida para a análise da obra literária.

Confluindo com o substrato que constitui o “ilusório” e o ficcional, durante a história sobre o tema da morte e do horror mostrados e representados nas artes, a morte passa a ser para algumas pessoas admirável e para outras não, pois causa no sujeito um choque, diante do sofrimento do outro, visualizado por um olhar externo.

Tendo em vista que o fotografar é eternizar um momento, a narrativa de Aline Bei se mostra como uma fotografia das dores da protagonista, uma dor do outro que não é nossa, mas nos atravessa e nos inquieta, visualizado como um álbum de fotografias de forma organizada que possibilita conhecer os momentos marcantes da vida da protagonista. O que é materializado a partir da narração, pois ao adentrarmos na leitura da narrativa é como se fosse possível sentir as angústias, silêncios e inquietações da personagem, proporcionado pela estrutura do texto

literário, pois cria-se imagens no decorrer da leitura pelo seu formato em poema, possibilitando a/o leitor/leitora esta experiência visual e sonora do texto, o que nos faz lembrar os poemas do movimento concretista pela organização visual, a partir da quebra de palavras e frases, e isso dá diferente significação ao verso. Desta forma é possível aos autores contemporâneos revisitar o passado para construir e repensar o texto no presente. A narrativa de Bei cria imagens a partir da posição e silêncios dos versos postos nas páginas do livro como nos aponta Sontag:

A familiaridade de certas fotos constrói nossa ideia do presente e do passado imediato. As fotos traçam rotas de referência e servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que de um lema verbal. E as fotos ajudam a construir — e a revisar — nossa noção de um passado mais distante, graças aos choques póstumos produzidos pela circulação daquelas até então desconhecidas. Fotos que todos reconhecem são, agora, parte constituinte dos temas sobre os quais a sociedade escolhe pensar, ou declara que escolheu pensar. Essas ideias são chamadas de “memórias” e isso, no fim das contas, é uma ficção (SONTAG, 2003, p. 230-231).

As artes nos sensibilizam e nos fazem refletir sobre as mazelas da sociedade. Ao visualizar a dor do que é familiar, de inúmeras mulheres que passam e vivenciam situações traumáticas e se reconhecem diante destas artes. Mas por se tratar de um tema sensível durante a história da humanidade, se cria barreiras para poder falar do assunto. Na narrativa cada capítulo se transforma como uma foto de uma fase de sua vida, um álbum de memórias, que a faz lembrar de sua história e de seus sofrimentos, emoldurada na visão da personagem e narradora, que nos conta sobre como os fatos ocorreram.

A fotografia é um depoimento ficcional, mas não como representação fiel da realidade, tendo em vista que a realidade bebe da literatura, como também a literatura traz elementos da realidade, e assim caminham por estes dois vieses, o real e o irreal, simultaneamente, sendo assim para Góis (2017) a impossibilidade de representação.

A fotografia é como aquela que ocupa o lugar da morte na sociedade moderna, ao mesmo tempo em que instaura um paradoxo por dar sobrevida à imagem fotografada e, portanto, de certa maneira preservá-la a partir desta técnica. A fotografia torna presente o representado e nesse processo termina por vivificá-lo (GÓIS, 2017, p.1-2).

Caminhando entre as ideias de Góis, tanto na literatura como na pintura, na fotografia, e nas imagens telejornais, é representado o irreal, uma encenação do que pode ter acontecido, mas dificilmente ser enquadrado o que realmente aconteceu, o objeto em si, pois uma foto de um objeto não é o objeto em si, mas uma representação. Porém sem a pretensão de naturalizar a dor que aflige o outro.

Ao passar dos anos a protagonista de *O peso do pássaro morto* através da narração de suas dores como um álbum de memórias ao longo de sua trajetória, o perder se torna um processo constante em sua vida, acaba se distanciando e sendo distanciada pelas pessoas que ela constituiu como família a partir da violência brutal, o estupro, o qual modifica a visão e as atitudes sobre si mesmo. Pois cada fase de sua vida é marcada com perdas, que na narrativa vem permeada de símbolos que dão prenúncio de morte. Ao crescer e atravessar da infância para a adolescência modifica a vida e desperta sentimentos como desamparo.

2.2 As fases do luto na relação da família da protagonista

Em *O peso do pássaro morto* de Aline Bei, diante de vivências traumáticas e perdas, a personagem desperta a consciência sobre a morte. Que pela dor e o lembrar acaba se trancando em um “espaço silencioso” em que através do medo se aprisiona no seu próprio silêncio, de maneira que acaba cada vez mais se fechando para a vida.

A protagonista do romance aponta para a temática da morte a partir da condução da narrativa sobre fases da sua vida, o que também atravessa os recortes de luto e melancolia do viver com a morte. Segundo Regina Dalcastagnè (2005) as personagens consideradas como principais femininas são insólitas, principalmente nas narrativas escritas por homens, e quando aparecem são retratadas com um olhar masculino. Porém, nas narrativas escritas por mulheres quebra um pouco essa discrepância, pois possibilita trazer estas personagens como autoras de suas próprias histórias, de forma ativa, com conflitos, problemáticas e dores do universo feminino. Apesar de ainda existir um estereótipo europeizado sobre a figura feminina, branca, heterossexual, e que ocupa espaços majoritariamente privado/doméstico, repassados frequentemente nas narrativas.

No decorrer do romance em análise a protagonista através da complexidade que circunda o tema proposto se apresenta de maneira ativa, reagindo as situações de limite para poder seguir, apesar dos conflitos e dores da maternidade, da violação do seu corpo e de ser mulher em uma sociedade machista, enfrenta a vida de forma resiliente, pois prosseguir é a única alternativa que lhe resta.

A personagem não nomeada de Aline Bei vivencia os principais acontecimentos e conflitos do enredo, ou seja, é através dela que a narrativa ganha vida e de maneira imagética possibilita imersão na leitura, a qual pode ser classificada como redonda, pois está em constante

mudança durante a narrativa em primeira pessoa. A caracterização da personagem é construída a partir do imaginário e percepções de quem lê, submersos entre as fotografias de sua trajetória de vida, definida por Antonio Candido. E acrescenta que as personagens são, “portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. (...) Ela traz em si a imprevisibilidade da vida, — traz a vida dentro das páginas de um livro” (CANDIDO, 1976, p. 11). A personagem e narradora em análise, nos surpreende a cada fase de sua vida e morte, tema este que ao longo da história vem despertando curiosidade dos historiadores e tanatólogos, que visam estudar sobre o processo de vida e morte, principalmente em seus aspectos sociais e psicológicos, que desencadeia o luto no sujeito em suas diferentes fases.

Alguns estudos históricos sobre a morte que se tem registro são do início da Idade Média, após a queda do Império Romano, datados entre os séculos V até o século XI. Definida por Ariès (2012) como *a morte domada*, uma fase que a morte era encarada como natural, sem muita resistência e o moribundo aceitava sem reservas, voltados para uma visão cristã de morte, como um sono profundo e despertado apenas nos fins dos tempos. Uma morte domesticada, até chegar à contemporaneidade em que passa a se tornar assunto “proibido” e impronunciável, como nos informa:

A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome. Por isso chamarei aqui esta morte familiar de morte domada. Não quero dizer com isso que anteriormente a morte tenha sido selvagem, e que tenha deixado de sê-lo. Pelo contrário, quero dizer que hoje ela se tornou selvagem (ARIÈS, 2012, p. 40).

A morte ganha ao longo do tempo novas roupagens e perspectivas, passando de selvagem para domesticada, e posteriormente para selvagem novamente, pois a proximidade com a morte causa medo e dor ao sujeito. E mais, segundo Ariès a morte era um evento público, o qual a cerimônia passava por um ritual, prestando cultos nas sepulturas, apesar dos povos medievais ver alguma familiaridade na morte, tomavam distância, pois no pensamento das pessoas da Idade Média era necessário ter um limite entre o mundo dos vivos e dos mortos. E diante disso, foram ganhando distanciamentos entre vida e morte para o contemporâneo, pois a ideia de morte é encarada com reservas para as pessoas na atualidade.

A morte na contemporaneidade é considerada como um tabu, o qual através de superstições e crenças socialmente construídas, cria barreiras no que tange falar do assunto e encará-la de frente sem amarras, o receio do assunto o torna mais difícil de lidar com ele, tendo

em vista que é entendido como uma sombra em sua vida e ousar falar despertará dores, que é mais cômodo deixar em silêncio. A protagonista enfrenta a barreira em falar do acontecimento fatídico, o estupro, seja por medo da repressão de seus pais ou da sociedade, em uma fase que deveria florescer para vida, se fecha no silêncio do corpo, de si e do que almejava para sua vida, pois tudo se esvai marcado pela violência do estupro. Falar sobre morte, das pessoas que se foram, dos sonhos perdidos e dos traumas são incômodos, pois é um assunto incompreendido e inaceitável para algumas pessoas, mas falar sobre as mortes imperceptíveis ao olhar de ninguém se torna ainda mais doloroso, e o silêncio se fixa nesse lugar que não é registrado pelo outro, além de si.

Nesta perspectiva, mesmo que a protagonista se mostre firme diante do processo de perda, aceite momentaneamente, em algum momento essa dor e carga de angústia falará mais alto, pois em alguns momentos não consegue entender a realidade vigente. Sendo assim, primeiro momento do estupro, a protagonista passa pela fase da negação do acontecimento, e da não aceitação de “viver-com-a-morte” faça parte de sua vida, apesar de ser um fim comum a todos, ela vive na esperança de uma vida plena. E quando a morte de fato chega, com pessoas do círculo afetivo, ou dos desejos e sonhos, passa a não querer acreditar ou aceitar, se isolando de tudo e todos, e assim “Revolta-se, contudo, essa revolta não toma a forma de um a recusa da morte” (ARIÈS, 2012, p. 17) mas como uma não aceitação, e se apega a vários mecanismos para que a morte não a possua.

Assim, a prece e o apegar a Deus como único defensor é considerado na perspectiva da história da morte como a última atitude do sujeito diante da morte, abordada por Ariès (2012), logo “é tempo agora de esquecer o mundo e de pensar em Deus. A prece compõe-se de duas partes: a culpa. - "Deus, minha culpa, por tua graça, por meus pecados ..." - uma súplica do futuro *conhteor*” (ARIÈS, 2012, p.38 - grifo do autor). Fase em que o sujeito se apega a Deus muitas vezes como um escape para a morte, pois ao longo do tempo sobre a história da humanidade buscou-se o paraíso para justificar pecados e dores. Nesta perspectiva, a relação da protagonista com Pedro começa a tomar rumos indesejados, a invadindo um sentimento de culpa por ter beijado duas pessoas ao mesmo tempo, no show de rock, e isso a transformará em um “ser-para-a-morte”, como pode ser notado nos versos abaixo:

mas é a culpa mãe,
trezentos
quilos
de culpa
e ela achando que nessa história eu era santa.
não contei
(...) eu precisava muito

de alguém do meu lado.
 meu deus.
 que saudade de quando nada disso tinha
 acontecido
 (BEI, 2017, p.54-55).

A protagonista se sente culpada por Pedro a ter deixado, o amor entre eles se transforma em ódio. Diante do ocorrido, não consegue contar o que aconteceu para a mãe, e a partir disso o silêncio se instala em seu percurso, gerando o desamparo que limita seu poder de “re-ação” e se volta para Deus como escape para o sua culpa. O pecado em contexto cristão é a morte da vida, que nos afasta de Deus e conseqüentemente da salvação e da vida eterna, o sujeito deseja o céu e o paraíso “pois a morte é o salário do pecado, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Jesus Cristo, nosso senhor” (BÍBLIA, Romanos, 6:23). Assim, já na adolescência a fé em Deus se configura em tentar continuar vivendo pois é o único refúgio o qual a personagem pode contar, uma vez que se sente desamparada por aqueles com quem constitui como família.

Nesta perspectiva, a protagonista na infância se apega a visão cristã intuitivamente para entender o que é Deus e a partir disso construir o que é considerado como fé. Aos oito anos a personagem rezava ao dormir a oração do “santo anjo do senhor” pedindo para iluminar seu caminho. Assim, o Deusinho é o refúgio para sua dor, seja da perda da amiga Carla como também esperança de vida e de sonhos. Assim a religião é o caminho que o sujeito se segura para que possa continuar vivendo e acreditando, como símbolo de salvação. A vida se torna constantemente um retorno a si, um ser com luto, que passa a existir através das vivências cotidianas que desencadeia o luto de ser quem poderia ter sido, se não fosse as situações traumáticas como a vivenciada pela personagem durante a narrativa.

As perdas da protagonista vêm associada com alguns símbolos que dão prenúncio de morte, como a borboleta e o menino Jesus, elementos bastante significativos na construção da narrativa da autora. O símbolo da borboleta em algumas culturas ocidentais pode estar associado com o prenúncio de morte de alguém próximo, tendo em vista que a personagem nutre um medo pelo inseto, apresentado de maneira bastante forte na relação com a sua melhor amiga Carla, que culminará em morte. Um outro aspecto da simbologia da borboleta, associado a personagem não nomeada é o ciclo de vida/morte, que “se fundamenta nas suas metamorfoses: a crisálida é o ovo que contém a potencialidade do ser; a borboleta que sai dele é um símbolo de ressurreição. E ainda, se se preferir, a saída do *túmulo*. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 138- grifo do autor). O símbolo da borboleta, na narrativa, sugere está associado ao prenúncio de morte, seja de alguém próximo a personagem, como também a uma morte simbólica referente a vida, uma constante metamorfose, em seu ciclo de vida e morte, o nascer,

crescer, reproduzir e morrer. Em um ciclo que se reinicia a cada contato com a morte. Assim como acontece quando a personagem morre após a violência sexual, e de certa forma encerra um ciclo de inocência da infância, e passa para a adolescência, o crescer, e posteriormente após uma violência sexual nasce o seu filho Pedro.

O “deusinho”, como dito na narração, é uma imagem em escultura do menino Jesus presente na infância da protagonista. Aos oito anos ela começa a ir com frequência na casa de seu Luís e vê constantemente a imagem do menino Jesus fora da manjedoura o que faz a personagem acreditar na divindade e a desenvolver a fé cristã, como é observado no trecho: “eu fiquei religiosa,/ achando o deusinho teimoso” (BEI, 2017, p.7), como um barco que a guia através do constante acreditar na travessia de sua vida e de sua memória.

Dessa maneira, os símbolos presentes na narrativa são como indicadores intuitivos do que se sucederá durante a narrativa com a personagem central. Como nos indica Ariès, estes diante as atitudes da morte, é interessante que:

observemos que o aviso era dado por signos naturais ou, ainda com maior frequência, por uma convicção íntima, mais do que por uma premonição sobrenatural ou mágica. Era algo de muito simples e que atravessa as idades, algo que reencontramos ainda em nossos dias, ao menos como uma sobrevivência, no interior das sociedades industriais (ARIÈS, 2012, p. 17).

A partir dessas considerações, o prenúncio de morte pode ser observado nas coisas mais simples e cotidianas da personagem não nomeada, aparecendo de maneira proposital. E como aponta Ariès, se o sujeito prestar atenção a morte vai estar ao seu redor, sem ser místico ou como formatos de premonições, mas como avisos e intuitivo, como um instinto de sobrevivência.

Diante dos prenúncios de morte, aos dezessete anos de idade a protagonista é marcada por outra perda que se torna irreversível, uma morte física e psicológica que a perseguirá pelo resto de sua vida, o estupro. Para contextualizar o ocorrido, em uma sexta-feira à noite, ao invés da personagem não nomeada sair juntamente com seus pais, preferiu ficar em casa assistindo um filme, *Ana e os lobos* (1973)¹, em que a protagonista do filme, Ana, durante sua trajetória sofre assédios sexuais, humilhação e opressão pelos três filhos de sua patroa, “os lobos”, fazendo intertexto com a personagem da narrativa em estudo. O viver com a morte, o estupro, marcará a vida da personagem, sendo Pedro o “lobo” que irá assediar e estuprar a protagonista de forma selvagem, sem piedade. Assim, o ódio que ele carrega, uma faca, em uma noite que

¹ Filme de drama do diretor Espanhol Carlos Saura, lançado em quatro de junho de 1973, e é considerado um dos filmes clássicos que fez sucesso no Brasil.

nada mais seria como antes para a protagonista, diante uma violência que de maneira brutal lhe arrancaria uma parte de si, e ali vulnerável e sem conseguir acreditar no que está acontecendo:

quando abri a porta
o Pedro
tinha 1 Faca
que colocou no meu
pescoço.
meu grito
morreu no estômago
junto com o chute que ele me deu.
caí sem acreditar naquele Pedro que
arrancou o meu
vestido
(...) o pedro
ria,
disse que arrombadas como eu prestam só para dar
e olhe lá que tem muita putinha bem mais
delícia
do que eu em cada
esquina.
ele baixou as calças
abriu minhas pernas
e meteu com pressa
de olho
fechado, a cara toda
cerrada
de gozo e nenhum ódio,
o ódio agora
era meu
(BEI, 2017, p.58-59).

Pronta para sua morte, totalmente indefesa, sofre uma violência que viola o corpo, acarretando uma consequência física e também psicológica, que marcará a personagem gerando o sentimento de solidão e desamparo. No momento em que a protagonista é abusada sexualmente, pelo seu ex-namorado Pedro, que se utiliza de sua figura de “poder” socialmente construída para consumir o ato violento, pois se sente no direito de estuprá-la, se auto justificando pela raiva e pelo ódio, que cultivava pela personagem a partir da visualização de uma fotografia da personagem juntamente com Paula e um homem se beijando, circulada após um show a qual a personagem foi mais uma amiga, Paula.

Sem apoio das pessoas de seu círculo afetivo, decide ficar e conviver com essa dor só pra si, seja por medo das repressões sociais ou dos seus, pois de certa forma, inequívoca, se sente culpada pela situação. Já que não tem coragem de verbalizar para os pais o que acontecera no show de rock a qual ela foi mais Paula, um beijo a três, entre a personagem, um “cabeludo” e Paula, e uma fotografia vista que culminou no ódio e na violência acometida pelo estuprador

Pedro. Isso se tornou um peso e uma pedra que a protagonista terá de carregar consigo eternamente.

Desta situação, a personagem fica ali pronta para morrer, sem reação a esta violência. Assim, dialogando com as ideias de Han (2020) que o morrer-se é uma atitude interpessoal, ou seja, envolve duas pessoas, em que apenas uma se fecha, que se torna para a personagem o desejo do fim, a morte diante da violência sexual. Esta fica preparada para morrer, tendo consciência de si e da sua morte, ressaltada na narrativa do romance, cujo ódio de Pedro se transferiu para ela, pois marcou de forma negativa sua vida, sua adolescência, e refletirá nas demais fases de sua vida.

Ao pensar a morte como parte de um dos silêncios cultivados pela sociedade, esta passa a não ser discutida com profundidade e conseqüentemente não é compreendida. Assim esse silêncio também é encarado e vivenciado pela personagem na sua fase de adolescência:

*(...) não tive Coragem
pra dizer*

Estupro.

então eu disse:

fiz sexo.

*e a minha família falou:
- se foi mulher para fazer vai ser mulher para criar
(BEI, 2017, p. 100, grifos da autora).*

Uma vida permeada de silêncios, e o ousar falar sobre o que lhe aconteceu se torna inviável, tanto em decorrência de uma estrutura machista como preconceituosa. Ao invés de dizer o que realmente aconteceu, o estupro, disse que apenas teve relações sexuais, e este silêncio tem conseqüências devastadoras em sua vida, acarretando principalmente no receio de se relacionar afetivamente com as pessoas que a cerca. O estupro acomete majoritariamente mulheres, principais vítimas de violência de gênero na sociedade brasileira. Dentro da esfera privada em que a mulher deveria estar em um espaço seu, são muitas vezes estes espaços que mais machuca, causa dor e desamparo, pois não tem apoio diante a própria sociedade, a culpa do estupro é “justificada” pelo gênero, pela sociedade, sempre o corpo feminino como convite para esta violência.

A partir desta observação do silêncio do luto que desencadeia o desamparo, a protagonista vive o luto como um processo de perda da vida, da própria existência. Para pensarmos com Safatle (2015), o que modifica o luto é como o sujeito irá lidar com este

sentimento, o qual se torna um processo individual, pois para algumas pessoas é apenas uma fase, e para outras um sentimento quase eterno. Mas apesar da perda continua vivendo, sendo o luto uma forma de lidar com a perda, tomando consciência sobre a morte. Assim, o sujeito se vê impotente e incapaz de reação de forma momentânea, pois o desamparo está associado a algo que tinha um lugar dentro do sujeito, porém se perdeu, seja em relação com outros sujeitos ou coisas. Para refletir melhor, quando entendemos que:

“dor que não cessa”, de um “acúmulo de necessidades que não obtém satisfação”, isso para sublinhar o caráter de desabamento das reações possíveis. Pois estar desamparado é estar sem ajuda, sem recursos diante de um acontecimento que não é a atualização de meus possíveis. Por isso, ele provoca a suspensão, mesmo que momentânea, da minha capacidade de ação, representação e previsão. Estar desamparado é, em uma fórmula feliz do psicanalista Jacques André, estar diante de algo que teve lugar, mas não foi experimentado. Por não ser a atualização de meus possíveis, a situação de desamparo implica sempre reconhecimento de certa forma de impotência, tanto do sujeito em sua agência quanto da ordem simbólica que o suporta, em sua capacidade de determinação (SAFATLE, 2015, p.34).

A morte e o morrer é imanente do ser humano, em que o sujeito tem que conviver com seus traumas para sobreviver apesar dos acontecimentos fatídicos. O desamparo é um sentimento de solidão, mesmo cercado de pessoas, porém não entendem suas dores e não fazem nada para ajudar, o que afeta a capacidade de ação mediante suas perdas. Porém o sujeito age sem muita consciência de onde irá chegar, mas continua se movimentando, mesmo que de forma inconsciente, percebido através da personagem. Pois “No desamparo agimos sem saber em que lugar chegaremos. Mas, mesmo desamparados, agimos. Movemo-nos, pois de algum modo devemos ter sido capazes de perceber que estávamos presos a um circuito de repetições (PACHECO, 2015, p. 1), desta maneira, o sentimento de desamparo, advindo do silêncio do luto é de certa forma aterrorizador, mas impulsiona o sujeito a agir mesmo de forma inconsciente. E este desamparo transpassa na construção do ser da personagem em estudo, pois mesmo diante da violência sofrida, a “consequência” advinda dessa morte de ser, o filho Lucas, ela segue (sobre)vivendo.

As mortes vivenciadas pela personagem caminham por estas fases supracitadas ao longo do texto, e o processo de transformação para a personagem é de forma lenta e silenciosa, que muda o valor e as suas referências mediante a vida. Vale ressaltar que a morte é um processo que possibilita a valorização da vida. E por meio do passar dos anos a protagonista caminha em um constante processo de renovação a partir de suas perdas, como a violência sexual e posteriormente a relação familiar com seu filho Lucas, que desencadeia também uma perda de si e de escolhas.

3 **CAPÍTULO 2 - A METAMORFOSE DA MORTE**

Como percebido no capítulo anterior, a morte é entendida como ruptura da experiência de si ou do outro. Como também pode ser entendida como recomeço e transformação a partir das ideias de Han sobre a “liberdade da morte” em que a personagem ao adquirir a consciência do “poder morrer” é como se pudesse ser ela mesma, ou seja, a partir do luto se reconhece e passa a ter o poder de escolha de ser em sua vida.

A protagonista e narradora conta em primeira pessoa esses episódios de morte em sua vida, como relato grafado na página do papel, marcado pelas idades, na infância com a inocência e idealização, na adolescência e na fase adulta uma visão mais realista sobre o seu sofrimento e os acontecimentos cotidianos que rompe com o fluir da vida da personagem, como o morrer do outro e de si, mas também a possibilita uma constante metamorfose de vida.

Desta forma, este capítulo se dividirá em dois tópicos, o primeiro debruça-se em analisar sobre as feridas que deixam cicatrizes profundas na vida da protagonista, ocasionados por relações de sofrimento, pela ausência da incompletude do outro e da violência como materialização da dor, mas também os caminhos possíveis de superar a ferida a qual carrega. Em seguida, no segundo será levado em consideração a morte como metamorfose de vida, que por meio do entendimento do viver as passagens do morrer da personagem, a do outro, da amiga Carla, do estupro, da maternidade e de si, pode servir como impulso de vida quando faz as pazes com seu passado e com suas dores caminha para uma “nova vida” como processo de transformação.

Desta forma, serão utilizadas as ideias de Byung-Chul Han (2020), Norbert Elias (2012), Ariès (2012), e em relação a estrutura da prosa em versos Goldstein (2006). Assim, as escolhas metodológicas se justificam pela protagonista vivenciar o que a morte pode provocar de forma física e simbólica no sujeito, mas mesmo assim seguir em constante transformação e recomeço para poder sobreviver.

3.1 Luto e violência: a ferida que cicatriza?

A protagonista de *O peso do pássaro morto* atravessa por diferentes traumas e experiências negativas em sua trajetória de vida, isso a levará a viver com luto e a ter uma visão distinta sobre a morte e conseqüentemente sobre a vida. Tendo em vista que ela está inserida

em um contexto que lhe causa desamparo, mesmo estando em um espaço em que a família deveria amparar e cuidar nesse momento, isso não acontece, o que a faz não se sentir segura naquele universo.

Ao pensar nas relações de sofrimento pela ausência da incompletude do outro e da violência por um homem que eterniza uma cicatriz, temos conhecimento, no capítulo intitulado “Aos 18”, que a protagonista da a luz a um menino, chamado Lucas, fruto do abuso sexual, e ela se autoquestiona que é necessário mostrar como é ser no mundo, das partes tristes e alegres, na espera da tão prometida flor (amor) que, por vezes, não vem. Ao retratar as vivências e traumas da protagonista com dezoito anos e o nascimento da concretização do abuso sofrido aos dezessete anos, que povoa a narrativa diante da ideia de desamparo e de renúncia de vida que a personagem teve que fazer para poder continuar seguir vivendo.

A narrativa interpretada como uma prosa em formato de poesia proporciona uma hibridez dos dois gêneros, pois “a expressão ‘prosa poética’ indica pequeno trecho com organização similar à do poema, escrito em prosa” (GOLDSTEIN, 2006, p. 64). O romance parte da estrutura de versos para contar a história das mortes da protagonista, a ponto de enxergarmos cada momento como fotografias de suas dores e do luto vivido. Este desencadeado pela morte do outro ou de si em uma vida permeada de cicatrizes. Nesta perspectiva, a protagonista utiliza diferentes maneiras para lidar com a ideia do fim, como estratégias de sobrevivência para tentar vencer, distanciar-se afetivamente e socialmente de todas as pessoas que chegam em sua vida, reprimir seus sentimentos, negar o outro, já que a morte também pode ser entendida um constante retorno ao eu.

Neste sentido, a dialética da ferida se configura com o que fica com a personagem após uma perda. Ao descobrir que sua amiga Carla faleceu, a protagonista vai procurar seu Luís, vizinho querido, para entender o que é morrer, pois para ela só o que restava era o vazio e a saudade, a parte que acreditava na “cura das dores” também não existia mais, após começar a entender que a sua amiga não iria mais voltar. Assim, a morte do outro é considerada a primeira morte e se volta para o eu que sofre (da protagonista), pois a morte tem uma estreita relação com o eu, não se sofre pelo outro, mas por si mesmo que tem que conviver sem a pessoa amada.

Para a protagonista a lágrima e a angústia experienciado através do ato de morrer é um reflexo das suas perdas em um processo de reação diante da sua amiga que se vai, através da morte finita, e ela tem que administrar essa perda. Desta forma, o choro é a externalização da ferida que se abre dentro dela mediante a falta da amiga. Isso afeta diretamente seu percurso de vida, transformando em um “viver-com-luto”. Desta maneira, o luto é um constante retorno a

si a partir do outro, que segundo o filósofo Byung-Chul Han a ferida está interligada com a morte e os seus efeitos para o sujeito, que nasce a partir da perda do outro ou de si, e são difíceis de cicatrizar:

Também a morte é ligada por Canetti com as feridas: “Quem se abriu à experiência da morte demasiado cedo não pode nunca mais se fechar a ela, uma ferida que se torna como um pulmão pelo qual se respira”. A ferida é de respiração curta. A respiração da ferida se aproxima de um ofegar. Ela não alcança a amplitude do mundo. Também o trabalho de luto obstinado, que tenta costurar violentamente aquela ferida atingida pela morte, estreita o espaço de respiração. A ferida dolorosa permanece uma contrafigura imediata daquele sujeito que trabalha, por sua vez, sem respirar na aparência da invulnerabilidade. Nem o eu que se imagina invulnerável nem o refém saturado de feridas do outro é capaz de uma longa e profunda respiração. Falta à respiração da ferida aquela serenidade em que se respira (...) (HAN, 2020, p. 398).

A ferida é dolorosa para a personagem, a cicatriz deixada pela morte da amiga Carla foi um processo lento, pois deixou marcas internas, que não se apagam com o tempo, o ato de lembrar mantém a amiga viva em sua memória. Assim como o estupro que é carregado pela protagonista aonde quer que vá, é como se passasse a viver como uma respiração curta e ofegante. A ferida pode ficar inerte por algum tempo até que desperte gatilhos, como a imagem da borboleta e a do filho Lucas, pois o lembrar ou visualizá-los pode passar a vivenciar novamente as dores advindas das feridas deixadas pelo acontecimento que violou seu corpo e sua vida, seja de forma direta ou indireta. De acordo com Byul-Chiu Han quando o sujeito tem contato de forma precoce com a morte, as suas marcas e feridas a acompanhará para o resto de sua vida, como acontece com a personagem em estudo.

O não aceitar as fases do luto é entendido de acordo com Han (2020) como a possibilidade do sujeito não se vê vivendo com a ausência do outro, sofre-se mais por si mesmo do que pela pessoa que se esvai, tendo em vista que a morte se volta para a atitude existencial de compreender-se em relação ao outro, o não entender não é considerado como uma recusa da morte de sua amiga, mas o não aceitar que ela se vá, e o continuar viver sem ela. A personagem durante as suas fases de vida experiência a morte inicialmente com a partida do outro, de sua amiga Carla, o seu primeiro contato com o luto aos oito anos, na infância, o que lhe faz repensar sobre o que é a morte e o que ela representa para o sujeito, em seu processo de vida, como é ressaltado no excerto do romance:

-o que é morrer?

ela estava fritando bife pro almoço.

-o bife

*é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o que
farão com a sua carne.
quando estamos vivos, muitas vezes também não escolhemos.
mas tentamos.*

almoçamos a morte e foi calado.
(BEI, 2017, p. 21- grifos da autora)

Ao indagar o que a morte representa, começa a tomar consciência que esta pode ser encarada como finitude da vida, a vivência da morte de outra pessoa, que não pode escolher o melhor para si, mas também a morte percebida como recomeço. O primeiro aspecto rompe com o fluir da vida, o segundo se liberta para um novo começo. A morte do outro, de Carla, reflete no eu da protagonista, um morrer pouco a pouco com a despedida dos dias compartilhados. A personagem experimenta a morte a partir da perda do corpo afetivo mais próximo, o que considera família. Na dor da partida da amiga a protagonista mostra a reflexão da própria complexidade do ser, que de certa forma parte de si se vai com a perda, pois é a partir da morte de alguém amado o sujeito aprende o que é o morrer e suas consequências para o eu.

Ao passar dos anos é reforçado em cada capítulo da narrativa a morte por diferentes perspectivas. Mas pouco se reconhece a felicidade da protagonista com o passar dos anos. Desconhecemos do que ela gosta realmente, do que faz como hobby, dos amigos que chegam em cada época, dos gostos musicais, de lugares que a transmite alegria, o/a leitor/a fica envolto apenas nos problemas e nas partidas. Desde a adolescência, aos dezessete anos, com o momento do estupro, a personagem mostrará apenas a morte de si, que refletirá no seu processo de vida, sem humor, sem vida social, se volta apenas para o trabalho, que também não conseguiu seguir a tão sonhada profissão na infância de aeromoça, e passa a ser secretária para poder conseguir sobreviver.

Na infância a personagem muitas vezes se utiliza da imaginação e da fantasia como refúgio para lidar com o fim, pois uns podem olhar com serenidade sobre o tema, já outros com medo até de expressar o medo de ir para o lado invisível, uma vez que é “uma maneira familiar de tornar suportável a angústias infantis sem ter que enfrentá-las é imaginar-se imortal. Isso assume muitas formas” (ELIAS, 2012, p.10). O medo da protagonista de asas e borboletas se configura como o medo de morrer. A partir disso tenta imortalizar as pessoas que a cerca, como conservá-las na memória. Suas fantasias infantis sobre a imortalidade de certa forma mantêm controlado os medos construídos durante a suas perdas. Nota-se que existe uma certa inocência nas ações e pensamentos da protagonista.

Já na vida adulta o luto passa a ser vivenciado não apenas pela falta do filho Lucas, mas pela possibilidade de falta de si ou de encontrar palavras para verbalizar para o filho sua verdadeira história e início de vida. A protagonista durante a narrativa procura várias maneiras para contar a verdade do que lhe aconteceu aos dezessete anos, mas não consegue, ainda tenta escrever uma carta e joga em uma casa velha para compartilhar sua dor, mas mesmo assim faz a verdade morrer consigo. E para Lucas ela inventa uma história possível. De acordo com as ideias de Elias (2012) os mais jovens na procura das palavras certas para falar sobre seus sentimentos acabam se silenciando, como acontece com a personagem não nomeada que se tranca no silêncio de uma vida, por medo de falar o que lhe aconteceu aos dezessete anos.

Contextualizando a materialização da dor para a protagonista, uma cena que a faz reviver a violência é a morte dos pássaros efetuado por Lucas, que faz referência também com o próprio título do romance, o peso do pássaro sem vida e alvo fácil de ser ceifado, cena que pode ser visualizada nos versos a seguir:

bolaram um plano de matar
passarinhos, eles gostam de ver
brutalmente interrompido
algo delicado que estava
em Movimento,

a pedra no céu

a pedra no estilingue

a pedra no corpo

o corpo
no chão e

a pedra

que já não interessa mais, cumpriu sua função de
ponte
(BEI, 2017, p. 83).

A matança dos pássaros elaborada por Lucas causa na personagem um retorno às suas memórias com a violência brutal que interrompe a vida dos pássaros que estavam em movimento em seu ciclo natural de vida na natureza. A atitude do seu filho representa o mais forte abusando dos mais fracos, em que desencadeia a dor dos mais fracos, pois os pássaros podem ser de forma análoga a representação da própria situação de violência sexual, o estupro, vivenciada pela personagem. A partir disso, esse momento é percebido como a fotografia da vida/morte da protagonista, que nos apresenta uma memória de tristeza excedendo sobre as

passagens da própria existência. Ao encontrar o filho junto com os amigos no planejamento de matar com estilingue brutalmente os pássaros em movimento. Esse acontecimento gera um funeral dos corpos dos animais, retirados da vida de forma violenta, sem importância, e a pedra o símbolo da ponte entre os dois mundos, a vida e a morte.

A partir dos versos acima nota-se as disposições dos vocábulos e frases ao narrar o acontecimento de matança dos pássaros, que vai em encontro com a ideia dos poemas concretistas. Estes são marcados por se utilizar de sugestões visuais ao criar imagens a partir das disposições e desmembramentos das palavras para dar significação tanto pelo visual como o textual. Os versos/imagens se movimentam de acordo com a ideia desenvolvida pela imagem construída no decorrer da narração. Ao narrar sobre a cena em que o filho Lucas e seus amigos planejam e executam a matança dos pássaros, as frases acompanham o movimento da pedra, que vai no céu, no estilingue, no corpo, a pedra passa a ser a ponte entre a atitude e a ação, a pedra foi só o meio, mas o responsável é quem executou a ação, Lucas. A junção de formas coexistentes na estrutura poética de Bei é livre de forma fixa e mostra a criatividade da poeta contemporânea na criação de sua narrativa através da hibridez de gêneros e formas de estruturá-la através do narrar a história da personagem de ficção.

Desta maneira, a estrutura estética “na leitura de um poema, o verso se destaca já a partir da disposição gráfica na página: uma margem à direita, outra à esquerda dos versos: uma linha em branco separando as estrofes. Cada verso ocupa uma linha, marcada por um ritmo específico” (GOLDSTEIN, 2006, p.18). A prosa poética de Aline Bei dialoga com o/a leitor/a através de uma estrutura própria do poema, a disposição dos versos direciona a leitura e sua significação, por meio do visual e do sonoro pela repetição de palavras como no trecho acima em que a palavra “pedra” se repete bastante na construção dos versos, como a rima das palavras que compõe o trecho que dão sonoridade durante a narrativa.

Assim, a narradora faz uma analogia do pássaro com sua própria vida, que de maneira violenta Pedro tirou o sentido de felicidade que é viver. O nome Pedro em tradução livre significa pedra, mostrando o que a protagonista terá que levar para o resto de sua vida através da memória. Percebendo assim que o que atingiu e tirou o sopro de vida do pássaro também arrancou seus desejos, seus sonhos. Através desta percepção a personagem com respiração ofegante passa a entender como a vida foi imposta, o que ela tenta ressignificar seguindo mesmo em passos curtos e devagar, da forma como pode abraçar, dividindo suas tristezas. Assim, é ressaltado no excerto do romance as memórias que já faz parte de sua história:

penso que só lembrarei dessas 2 coisas pro resto da
 vida, a minha mão na cara do lucas, a mão do
 Pedro na minha cara,
 a cara do lucas e a cara do
 Pedro, acima de qualquer
 memória
 (BEI, 2017, p.97).

Dos pesos e das mortes que a personagem carrega consigo a que possivelmente mais tenha lhe causado dor tenha sido a relação de abuso, que culminou em uma gestação e um filho que lhe rememora seu processo de sofrimento, em uma ferida escancarada e aberta para o resto de sua vida. Através da figura de Pedro a causa de sua ferida e Lucas a própria ferida exposta ao olho visível, e o rememorar é uma constante visita a esta cicatriz que deixou marcas na personagem. Nota-se que para a protagonista duas memórias que se sobressaem as demais no álbum das fotografias de suas dores é a visão do filho matando os pássaros de estilingue e posteriormente sepultam o corpo sem vida, sem nenhum remorso ou sentimento, e a outra é a violência sofrida por ela, o estupro.

O comportamento da personagem de ficção em análise após o estupro é se afastar de tudo e todos para tentar sobreviver a morte de si. O ato de negar o outro, Pedro e Lucas, é negar a sua própria alteridade, pois a existência como eu individual é construída a partir do contato com o outro, e quando a protagonista se afasta das pessoas e se fecha em si mesmo passa a não enfrentar a suas feridas que lhe causa dor e desamparo. Assim, sua decisão de se isolar é uma estratégia utilizada para não ser conhecida apenas com a dor que a constrói após o estupro.

A protagonista ao tentar “costurar” a ferida de forma solitária acaba limitando sua respiração para a vida, pois ao se aprisionar em uma dor que lhe afetou profundamente e não dividir este peso com ninguém, a transforma em uma contrafigura dela mesmo, ou seja, quem ela era antes do estupro vai deixando de existir e dando lugar para um novo eu. A abertura ao outro a transforma em outra coisa, o que leva a possibilidade da personagem ser a partir do outro, Pedro, que lhe afetou de forma negativa e com isso acaba extinguindo uma parte de si. O deixar de ser “eu” também é uma morte. A existência de forma singular da personagem para conseguir que o seu eu não se acabe é se afastando das pessoas afetivamente, do seu filho Lucas, de seus pais, e das memórias que lhe causam dor e se apegando ao trabalho como escape para o seu sofrimento. A partir disso, a incompreensão da ferida se faz sobre a imagem do seu filho Lucas, pois sua aparência física lembra o pai Pedro, a “pedra” que causou todo o sofrimento não nomeado pela personagem. Usando de características que evoca a presença da dor, a partir do ouvir e se comportar do filho:

*porque uma morte metafísica pode ser ainda pior, então eu desejo pra ele o pior, eu
desejo pra ele o pior, tenho rancor e te olhar
é
a coisa mais Difícil
porque você lucas
é a cara do Pedro
tem o olho
do Pedro
a boca, o cabelo, o jeito de andar e te ver acordando, te ver
passando por mim na cozinha
é reviver aquele maldito dia em segredo, diariamente,
com o fruto dentro
da minha casa sem saber.*

eu não conseguia contar isso pro lucas,
não saía o som quando eu abria a boca pensando que
agora seria uma boa hora pra contar.
a verdade
estava morta
de tão trancada que ficou por esses anos.
(BEI, 2017, p.101 - grifos da autora).

Dessa forma, nota-se que a personagem não cicatriza a ferida advinda da violência, e deseja para Pedro o pior que se pode desejar para uma pessoa, uma morte metafísica, que mesmo existindo e vivo esteja vivenciando a morte em sua consciência, ou seja, uma morte que foge do entendimento racional, o que está oculto e não é visível, mas sentida. É a partir do ódio e rancor que a personagem sente pelo ex-namorado Pedro acaba se materializando em seu filho Lucas.

A autora ao narrar em se utiliza de versos livres como uma forma de combinar as palavras e gerar efeito sonoro, o que desencadeia um grau de tensão no significado ao que é dito. Por exemplo, a palavra “Difícil” que é colocada com letra maiúscula no meio da frase dá ênfase ao vocábulo e a dificuldade que é lidar com a presença do filho que a faz lembrar um dia trágico do estupro. O narrar se configura no romance como uma conversa da protagonista com o/a leitor/a, como um recital dramático. E mais, o uso da oralidade pode ser observado a partir da preposição, de forma reduzida, de “para” por “pra” em uma linguagem que mais se aproxima de uma conversa, como também pela sua construção estrutural das pausas próprias do falar ou mesmo do pensamento da protagonista.

Nesta perspectiva, ao ter o primeiro contato com a gestação e conseqüentemente com seu filho Lucas, de forma negativa, súbita e traumática sem pedir licença na sua vida fará com que a personagem tenha de tomar decisões que a transformará. Pois a continuidade com a gestação não desejada gera sentimentos de desamparo, que faz com que a relação entre a

personagem não nomeada e seu filho seja um caos, apesar de dividirem a mesma casa afetiva, mãe e filho, não se sente pertencente a este espaço de afeto e relações.

Em uma sociedade capitalista viver se torna uma constante tentativa de sobrevivência à morte. Isso implica uma relação de afetos do eu com o outro, Lucas, e para preservar a si tem que afastar-se afetivamente dele, da sociedade, da possibilidade de um novo amor, pois tudo isso pode levar ao fim. Por isso que na economia preserva-se nosso eu individual, pois triunfar é negligenciar que o outro existe. Assim, como no capitalismo, a personagem tem que pensar em si como sujeito individual para poder conseguir vencer a morte de si. Mas mesmo assim tem que arcar com a responsabilidade da maternidade de forma solitária, como forma de preservar seu filho. E mesmo desamparada afetiva e economicamente a personagem prossegue e tenta de todas as maneiras sobreviver. Como acrescenta Han (2020) que por:

Solidariedade ou compaixão, compadecer-se do outro, ou ter 'morrido mil mortes' por ele como condição de possibilidade de um radical entrar-no-lugar-do-outro. Uma responsabilidade pelo outro no suportar de sua infelicidade ou fim, *como se se fosse culpado por isso*. Proximidade extrema. *Sobreviver como culpado* (HAN, 2020, p.263-264 - grifos do autor).

A responsabilidade que o sujeito exerce sobre o outro, faz com que suporte a própria infelicidade ou seu próprio fim, como ato de empatia pela outra pessoa, percebido às vezes como morte para o indivíduo que tem que sobreviver com o luto, como a personagem que ao longo de sua vida se sente culpado por não ter sido a mãe e a mulher que gostaria de ter sido.

O significado da morte passa a não ser encarado unicamente como uma forma dramática e catastrófica do morrer, pois nada está consumado, enquanto estiver matéria humana o indivíduo possui chance de se transformar. O ser humano é guiado não para a morte individual, mas para a felicidade, desta forma, o luto se configura como o mundo que não conseguimos transformar, nada mais pode ser feito para reverter a situação. A partir das ideias de Ariès “a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos” (ARIÈS, 2012, p. 39-40), o sujeito tende a aceitar a morte de maneira mais passiva, calma, através da consciência sobre a morte, como um fechamento de um ciclo para que outro ressurgja, como metáfora de vida.

A morte passa a ser entendida não como a negação de vida, mas como um processo inverso, a morte que desperta para a vida “no próprio conteúdo da morte não há mais, então, nenhuma morte, mas sim a descoberta de conteúdos da vida adquiridos, conteúdo-nuclear”

(HAN, 2020, p. 286). Desta forma, quando a personagem desperta para um novo olhar sobre a ideia de finitude já não habita mais só o luto na personagem, mas a possibilidade de vida.

Quando a protagonista retorna ao seu “cemitério” da memória o revisitar se torna um terreno sedento de feridas expostas as pessoas que ela convivia afetivamente, o que possibilita ao outro acessar com mais facilidade estas dores, como acontece quando ela descobre que seu filho está fazendo uma matança dos pássaros. Isto desperta memórias dolorosas que a faz reviver a causa da sua mais dolorosa ferida, o estupro, pois está mais vulnerável e sensível a emoções de dor, desamparo e sofrimento.

Mesmo estando “cheia de feridas” as atitudes da protagonista se voltam para a amabilidade, se coloca no lugar do filho Lucas, em que dizer o não se torna cada vez mais difícil. Assim, passa a começar a viver sob uma perspectiva do olhar da sociedade, ou seja, os seus desejos são deixados um pouco de lado e passa a tomar atitudes baseada na visão do que lhe é esperado fazer.

A morte para a protagonista vai se reconfigurando por meio do processo construtor de vida. E passa a ser visualizada por uma nova perspectiva de transformação através das feridas que ficaram consigo a partir das suas experiências com Carla e o estupro, e isso faz com que ela passe a ter um novo olhar sobre a vida e comece a entender o que lhe aconteceu o que a faz decidir mudar para uma “nova vida”. Apesar do ato de relembrar provoque o eterno luto, ao mesmo tempo o retorno às memórias a possibilita seguir e cicatrizar. O processo de mudança da personagem começa por caminhar por novos lugares que também representa uma transformação de vida, a morte do outro, assim como a morte de si é dolorosa, mas também pode ser processo de renovação e mudança.

3.2 Uma constante paixão por metamorfose

Na sociedade ocidental as pessoas experimentam se isolar como semelhança da própria morte, o se afastar do que possivelmente vá lhe causar dor e sofrimento é um mecanismo de defesa. A personagem ao experimentar a autoimagem de si mesmo é como se assemelha ao próprio ato de morrer. Em seu processo de transformação e início de uma “nova vida” ao se mudar para uma nova casa, se isola das pessoas a quem constituía como família na busca de um novo sentido para sua própria vida.

Partindo das ideias de Elias (2001) na narrativa a mudança de casa para viver uma vida nova se assemelha como um “muro invisível” que a separa da antiga. O seu universo “interno” aparentemente não se relaciona mais com o “mundo externo” e todas as outras pessoas que representam esse universo, visto que que o se isolar a possibilita viver.

O luto é um processo individual e solitário, por contraste a protagonista não consegue compartilhar com ninguém, ela não se sente capaz de dividir as suas feridas com as outras pessoas, mesmo vivendo momentos de alegria o seu morrer é solitário, uma experiência íntima que só ela é capaz de entender, pois ninguém conhece intimamente seus medos e seus traumas, e o que provocou rupturas em sua vida. Elias (2021) acrescenta que “a imagem de nossa própria morte está intimamente ligada à imagem de nós mesmos, de nossa própria vida, e da natureza dessa vida” (ELIAS, 2001, p. 37). A morte assim como sua vida é uma constante experiência do eu, tudo se volta para viver em solidude, na morte não há possibilidade de compartilhamento.

Nesta perspectiva, a metamorfose se caracteriza pelo constante ciclo de (re)nascimento e transformação do sujeito em suas fases de vida e morte. A ficção e vida caminham por dores parecidas, dessa maneira a personagem não nomeada em sua trajetória passa por constantes traumas que a obriga se transformar para poder seguir.

Na narrativa as lembranças guardadas na memória da personagem são como uma repetição dos acontecimentos, mas apesar disso a morte se transmuta em vida. Para o filósofo Byung-Chul Han na sociedade o sujeito está em constante necessidade de ação, ser produtivo e atender as necessidades básicas que o impulsiona a viver, através da alteridade, que se configura como a capacidade do ser humano reconhecer a dor do outro a partir de suas diferenças. Assim, a morte do outro parte da alteridade de reconhecer o outro e suas dores, não como forma de empatia, mas sim na capacidade de reconhecimento e a partir disto modificar sua própria vida, que para a protagonista transforma o seu ser por meio do contato com a morte da sua melhor amiga, na infância e do estupro aos dezessete anos.

A transformação para a personagem parte das diferentes funções desempenhadas, de ser mãe, mulher, exercer uma profissão e de existir socialmente. A protagonista assumiu a responsabilidade necessária para se fazer viva, mas quando isto não acontece fica frustrada, pois segundo Han, é reforçado em sociedade que a pessoa seja produtiva em sua totalidade, tem de atingir as expectativas de um coletivo. O se transformar após uma perda ou do luto, não se torna uma opção, mas uma necessidade para poder conseguir seguir vivendo. Han acrescenta que:

O ser-poético é, em Canetti, carregado por uma preocupação moral, na qual habita uma "paixão da transformação [...]. A sua vontade [Lust] de experiência do outro por dentro não poderia nunca ser determinada pelos objetivos nos quais consiste a nossa vida normal, por assim dizer, oficial, eles têm de ser inteiramente livres de uma intenção de sucesso ou validação, [têm de ser] uma paixão por si [mesmos], justamente, a paixão da transformação". É trazida à fala, aqui, a estética da transformação, que, ao mesmo tempo, representa uma ética da transformação. A poesia se nutre de ocasiões para a transformação. O seu traço fundamental é a mimesis, que não é imitação, mas sim transformação. Ela pressupõe a prontidão mimética para se tornar outro (HAN, 2020, p. 354-355).

Pode-se inferir que o/a poeta como Aline Bei ao escrever o romance possibilita a essência da amabilidade de ser escritora, poeticamente a paixão por transformação que habita o ser humano. Desse modo, Bei cobiça uma interioridade absoluta sobre a morte, que para poder acontecer tem que se desligar das amarras e julgamentos sociais do ser, pois o sujeito tem que ter uma paixão por si mesmo para poder agir e se transformar. Se a morte pode ser percebida como o inteiramente do outro, nas palavras de Han, não por vontade das pessoas que os cerca, mas por si mesmo, pela necessidade de mudança de vida, o texto literário tem contribuições significativas para que através das narrativas encontremos a recusa da morte, afinal esta não pode ser pensada separadamente do desejo de destransformação, a partir da *mimese* de querer quebrar-se até ser inteiro.

Nesta perspectiva, a protagonista passa a fazer as pazes com seu passado e com sigo mesmo quando aceita a sua própria realidade e sua história de vida. Assim, na tentativa de construir uma “nova vida”, e atrás de se reencontrar como ser, ela se muda para outro lugar, em uma casa velha na Rua Mato Santos Número 462, se dá o início da transformação. No caminho de mudanças em destino a sua nova vida a personagem vislumbra as possíveis coisas que poderá fazer, desde as mais simples do dia a dia como novas companhias e amigos até o fim como é ressaltado nos versos:

na minha casa
nova, sendo que o ouvido da mudança
era bem maior. ficava imaginando as coisas que eu
viveria lá desde acordar cedo e passar o café,
até quem sabe
novos amigos entrando,
por que não mais 1 cachorro e também
a morte já que eu morreria sem ranço na casa nova
de tanto que eu gostei
dela
(BEI, 2017, p. 138).

Na mudança de casa e de vida a protagonista transforma seu olhar sobre as possibilidades que o viver ainda pode lhe proporcionar. É a partir daí que a personagem renasce,

aos quarenta e nove anos, afinal há muita potência em viver mesmo carregando na memória as suas dores, o que a faz conviver em harmonia com seu passado e com a morte. De acordo com as ideias de Safatle lendo Hegel “a essa categoria da mudança liga-se igualmente a um outro lado, que da morte emerge nova vida” (SAFATLE, 2015, p. 85), ou seja, a partir da experiência da morte que a vida ressurgir. Pois o que lhe habitava antes já não é mais suficiente e reposicionar sentimentos e pessoas nesse momento de mudança se fazia necessário e inevitável. De acordo com as ideias de Safatle, Pacheco ressalta que no processo do luto o indivíduo muitas vezes não consegue retornar ao eu anterior, pois muda-se a partir de cada perda, porque

certas perdas não permitem que esse retorno ocorra. São justamente estas que podem revelar algo realmente significativo sobre nós mesmos. Após tais perdas irreversíveis, o que antes sabíamos sobre nós mesmos se desfaz. É como se o “eu” não perdesse simplesmente um “tu” do qual se separaria, é como se perdesse o que conhecia sobre si mesmo: perdemos alguém para descobrir que nos perdemos daquilo que imaginávamos ser (PACHECO, 2015, p. 192-193).

A protagonista passa pela perda de algo ou alguém que não perde só a pessoa afetiva, seja ela para a finitude ou em vida, mas parte de si que não será mais o mesmo sem a pessoa ou objeto afetivo, aquele ser-com o outro que não é mais possível faz a personagem perceber que ele não é a pessoa que realmente pensava ser, pois se sente desamparada e a perda a faz voltar o olhar para si e isso reflete sobre sua própria vida. Como ocorre com a personagem não nomeada que durante o processo de perda e do luto toma consciência de quem ela é, proporcionando momentos de transformação em uma espécie de cura e nova possibilidade de vida através da mudança de um novo ambiente, tendo em vista que é a falta de sentido que faz a personagem reagir diante de situação de desamparo proporcionada pelo luto, gerando a tentativa de mudança de vida.

A mudança para a casa nova a possibilita enxergar um novo começo, a partir de um ciclo de aceitação e harmonia com o passado. De forma solitária renovar-se suas energias, como uma porta que a levará para um novo eu aos quarenta e nove anos, o sofrimento da protagonista a fez experimentar a vida até então, e foi por meio disso que a personagem se permitiu sair do silêncio, ressaltado no trecho:

porque a mudança era uma espécie de cura e tinha
que ser
lenta pra invadir todos
os meus
poros virando porta
aberta pra rua mato
dos santos, 462
(BEI, 2017, p. 140).

A mudança para outro ambiente vislumbra para a personagem um renascer, uma nova vida, em que a oportuniza viver e seguir em frente mesmo diante de seu histórico de perdas, o deslocamento possibilita abrir portas para uma nova realidade. Um primeiro passo que traz consigo uma atitude de transformação, pois “a transformação pressupõe a capacidade de se despedir, o poder-esquecer, a saber, o fim do trabalho do luto” (HAN, 2020, p. 360); a transformação é de modo espontâneo, incontrollável e solitário em que se tenta abandonar e esquecer o que lhe causava dor, para prosseguir ir em busca da felicidade que a mudança pode proporcionar, como novas possibilidade de vida para a protagonista.

No desejo de continuar, o luto passa a ser substituída pelo viver que transborda uma força que até então se encontrava esquecida na criança que fora. A morte lhe “roubou” a dignidade de vida e de escolha, neste momento se transforma em motivo para seguir adiante, com a pessoa que foi e que gostaria de ter sido, assim como também com a morte dos que se foram e deixaram de fazer parte de sua vida e existência.

A vida é como uma enorme roda gigante que sopra junto ao vento, oscilando entre altos e baixos que dialoga com a complexidade do ser. Assim, ainda há luto com a protagonista, mas para além desta a possibilidade de deslocamento e de poder viver o que não foi possível. O sentido do mundo passa por essa razão de medo, de dor, de luto, porém aos poucos vai sendo reconfigurado por um amor e desejo pela vida.

A prosa em formato de poema se constrói como uma possibilidade de caminho de renovação e de transformação para a protagonista. Os silêncios nas páginas da narrativa, o não dito se torna portas em aberto para que ela siga além do que está posto no papel, representado pelo sinal de mais (+) ao final de cada capítulo.

Para contextualizar com o processo de transformação, a personagem começa a entender e aceitar o modo como sua vida foi tomando seu rumo e não briga mais com essa realidade, mas tenta seguir através de uma “nova vida” na casa velha 462, de maneira solitária.

a casa
eu pintei de azul tranquilo.
dava pra ouvir os pássaros, beija-
flores voavam na minha janela daquele jeito
pousando e eu me assustava um pouco porque
me lembravam borboletas,
conservo meu medo
de borboletas
pra Carla não morrer em mim.
ser adulto por vezes não deixa a beleza das coisas
entrar tão facilmente,

a gente começar a
desconfiar.
mas era bonita à beça, a casa nova,
de uma beleza suficiente pra me fazer respirar de
novo não pela boca
e o teto
parecendo uma cúpula
que logo na primeira noite comecei a chamar de
segundo céu.
+
(BEI, 2020, p. 142).

Para a personagem sair e se movimentar para outro ambiente vislumbra um novo olhar sobre as possibilidades. A casa pintada de azul pode ser associada com o azul celeste e o Jesus menino do início da narrativa, como forma de fechar um ciclo de dor, desamparo e luto por meio do recomeço. O Jesus menino se apresenta como prenúncio de morte para a uma fase de sua vida, mas também significa o renascer através dele. O azul simboliza para ela a tranquilidade e a paz que aquele espaço a proporciona, um olhar que atravessa qualquer obstáculo já vivenciado, em que o imaginário de vida se transforma em realidade. E vale acrescentar que nesta fase de mudança a personagem começa a respirar livremente, diferentemente das anteriores que a respiração era ofegante e curta, aqui volta a respirar sem muito esforço.

A felicidade é proporcionada através de uma decisão de uma nova vida solitária, pois “acaso não é o azul a cor do pássaro da felicidade, o pássaro azul, inacessível embora tão próximo? (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1998, p. 107). O pássaro antes tão distante da personagem, e agora cada vez mais perto e palpável capaz de fazer com que respire livremente para a vida. É após o atravessar o limiar da casa por meio da transformação e da mudança de vida que a tranquilidade, a felicidade e a liberdade impulsionam a vida.

Com a mudança de casa e de vida a personagem fecha o ciclo de dores, entende a morte finita de Carla e do vizinho seu Luís em sua infância como um processo doloroso, mas também como um fechamento do ciclo da vida terrena, pois eles continuam vivos em sua memória por meio dos símbolos da borboleta, dos desenhos das nuvens, do Deusinho, conservados em uma visão mais lúdica sobre o ato de morrer. Já o estupro é uma morte simbólica com um olhar mais realista de estar e ser mulher no mundo, uma violência que viola o corpo, a mente, seu coração e sua vida se fechando para as alegrias. Assim, o luto é compreendido como processo formador para a protagonista.

Após se abrir para uma “vida nova” aos quarenta e nove anos a alegria começa a se fazer presente, pois é a transformação do entendimento de suas perdas, a deixando livre para decidir

como seguir e se reposicionar sobre o desamor que sentia por Pedro para que o início seja marcado de leveza, felicidade e cuidado consigo. Afinal, quando vivia apenas com dor e mágoa sua vida não tinha sentido, repleto de tristeza de ser ela mesma. O recomeço da protagonista possibilita entender a morte não como finita, mas como de ser e estar no mundo, o que impulsiona a vida.

A alegria para a protagonista está nas coisas mais simples, na casa nova juntamente com seu cachorro Vento, no cuidado do jardim ou mesmo em aguardar as plantas e dançar ao desenvolver essas funções. O relato desta vivência presente no capítulo “aos 50” oportuniza a protagonista perceber que ainda há vida no seu corpo e que o desejo ainda faz parte de si, mas por muitos anos foi reprimido, o desejo ainda pulsava em seu corpo, quando menciona que:

encostei num canto.
rocei de baixo
pra cima
até sentir as pernas
bambas, no peito
um vulcão.

(meu deus)

eu estava viva,
ainda
(BEI, 2017, p. 146).

Nota-se que para a protagonista o se sentir viva era uma sensação nova, antes não sentida ou esquecida, pois o que antes era vazio agora é transformado em desejo, porque para ela o ato de desejar é estar viva. Como acrescenta Han que o desejo pode ser entendido como uma reação à morte, o tentar não ser possuído por esta. A vida mudará sua energia, sua vontade de viver e conseqüentemente sua maneira de se relacionar com o mundo, tendo em vista que pulsa na personagem sopros de vida e desejos.

O golpe nas feridas que sangravam foram cessando à medida que a protagonista foi tomando consciência e aceitando as perdas irremediáveis em sua vida. O rompimento seja visivelmente exposto ou invisível contribui e afeta a personagem, a morte que rompe com a vida de uma pessoa próxima ou com a fluidez da vida, através do constante perder. A personagem está imersa em um caminho que aparentemente não tem volta, pois se perdeu na alegria e no entusiasmo do viver e mesmo as coisas boas e alegres que acontece em sua vida como o encontro com seu cachorro Vento, é advindo de uma perda e que resultará em outra. Assim, a vida segue em um ciclo de perdas, que sempre se volta para o início. Diante disso para que o sujeito atravessasse as fases do luto só é possível através da ressignificação da perda, pois

apenas poderemos atravessar o luto se nos deixarmos submeter a uma transformação cujos resultados não podemos prever. Há algo em jogo no luto que é mais forte do que previsões, do que conhecimento, do que escolha. Algo toma conta de nós e, assim, o luto nos mostra que não somos proprietários de nós mesmos (SAFATLE, 2015 *in* PACHECO, 2015, p. 192-193).

O luto é um processo individual, ao passo que a protagonista muda de casa e deixa lá os sentimentos e o que seu filho Lucas representava, a materialização de sua dor, pois ao cicatrizar esta ferida, que antes era seu único refúgio de lembrar e sofrimento, a protagonista se abre para um novo eu. Para a protagonista, em que superá-lo e se transformar a partir dela pode gerar efeitos que a ela não consegue prever, é uma mudança no “escuro” ou as “cegas”, e vai além de possuir conhecimento de como passar por essa fase, pois é na incerteza que ela se molda. O luto vem mostrar que não se tem total controle sobre si mesma e sobre sua vida, haja vista que com a perda e com o luto a faz se sentir desamparada pelas pessoas que se foi, pois o que fica já não é mais o mesmo e nem terá possibilidade de voltar a ser.

Para que isso ocorra foi necessário o distanciamento de certos sentimentos ruins, como a dor e o desamparo para perceber o que a podia possibilitar o seu viver com a potencialidade da convivência com seu cachorro-amigo Vento, como também de aceitar o tempo de cada pessoa e da cicatrização de suas feridas. Desta forma o encontro com seu cachorro foi um fio condutor para despertar na personagem novos sentimentos e

o Vento parecia tanto
um menino
mas eu sabia, não existiam mais meninos na rua
da minha casa.
torço pra
que minha vida com ele continue sendo
assim tão
leve
nas nossas
velocidades curtas (...)
(BEI, 2017, p. 125-126).

A sua vida passa a ser mais leve e o lugar onde antes era só tristeza passa a ser mais vivo, com vontade de viver mais otimista e sem pressa os momentos, sem tantas preocupações e stress. Assim, a sua vida na companhia de seu cachorro, mesmo em passos lentos e curtos, flui mais prazerosa e suave.

Desta forma, utilizando-se das ideias de Heráclito sobre o rio que sempre renova suas águas, este nos mostra a impossibilidade de entrar nele duas vezes, pois ao encontrar novamente

ele já não será mais o mesmo, assim acontece com a personagem quando experiencia a morte, não tem como ela sair a mesma após um luto, uma perda ou uma violência, a transformação é inevitável, tendo em vista que após mergulhar nesse rio/morte um novo eu (re)surge.

A protagonista morre pensando na transformação da vida, na passagem como possibilidade de um novo ser. A finitude não faz o amor ao outro desaparecer, a ausência do ente querido se transforma sem si, de seguir nas suas ações e reações do cotidiano. O viver sem arrependimento trouxe para ela a leveza da vida, ao assumir o controle sobre o decidir ir e ser, o ser livre desperta a alegria tão presente na infância. Assim, o querer viver da personagem é um se perdoar consigo mesmo e com o outro que lhe abriu feridas de difícil cicatrização.

Aprender a viver se torna aprender a deixar morrer, pois é a própria construção do sobreviver a morte que impulsiona a personagem a construir uma nova vida e se abrir para um outro eu e outra existência. Isso foi essencial para que a protagonista pudesse se abrir para outra vida. Desta forma, a constante transformação como consequência do fim, vivenciada pela personagem, se torna o espelho da sociedade e da realidade contemporânea, afinal morte e vida são elementos reais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prosa poética de *O peso do pássaro morto* é uma narrativa delicada que traz a temática da morte desde o título até o fim da narrativa, mas com um olhar de renovação de vida. Um dos temas mais antigos que acompanha toda a história no ocidente, desde os tempos mais remotos até a atualidade, ganhou novos sentidos e atitudes com o passar dos tempos. Nesta perspectiva, pesquisar narrativas de autoria feminina como o romance de Aline Bei se torna necessário pois nos possibilita olhar problemáticas como a violência, a maternidade e a morte por outro viés, a partir de personagens femininas escrito por mulheres, que por muito tempo ficou à margem da sociedade e da literatura. A morte passa a não ser interdita, mas ainda preserva seus silêncios no que tange falar sobre ela e o morrer de forma pública, pois é tratada pela sociedade como um tabu em que se tem consciência, mas ousar falar cotidianamente sobre o assunto é um tanto incomum na sociedade ocidental. Aqui o tema da morte não é como processo que termina, mas que possibilita um (re)início de vida.

A personagem de ficção dá uma leve impressão de estar viva por sua complexidade envolvendo o/a leitor/a durante os acontecimentos a partir da ideia de finitude. Assim, ela pode ser considerada didaticamente como uma personagem esférica, pois está em constante movimento e mudanças ao longo da narrativa. Por meio dos pesos e das mortes que a personagem não nomeada do romance em análise carrega consigo durante sua fase da infância, adolescência e adulta moldam o seu ser, na construção de sua própria identidade.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as fases do luto da protagonista durante sua trajetória de vida, e desta forma, a morte do outro, da amiga e o estupro a personagem passa a sobrevive apesar destes acontecimentos trágicos em sua vida. Mas, ao compreender suas dores acumuladas ao longo do passar dos anos a faz vivenciar um processo de metamorfose e renascimento para a vida.

O luto passa a ser mais impessoal, um mistério, que não compreendemos e não queremos compreender. Desta maneira, observamos que a morte percebida por meio da personagem de ficção do texto literário de Bei deixa marcas e cicatrizes na protagonista que servem para contar uma parte de sua história, no enfrentar a morte do outro através da sua amiga Carla na infância, e de si a partir da violência do estupro na adolescência. Apontamos ainda para o morrer que causa o afeto de desamparo por não ver mais as pessoas que perdemos no percurso da vida, mas para ela, mesmo com a morte das pessoas próximas e queridas, estas se faziam presente de alguma forma por meio das lembranças, do afeto e do ato de lembrar, como se não

morressem de fato, algo continua vivo. Logo, suas perdas durante o passar dos anos a possibilitou transformação de vida.

O tema da morte por muito tempo foi silenciado na literatura brasileira, trazendo para reflexão sobre a morte como um (re)nascer, viabiliza aprender a lidar com esta e o deixar morrer, como movimento de vida. Por meio do enfrentamento com a realidade exposta, pois não se pode escolher morrer ou não, este é um fato inevitável e irremediável, o qual o sujeito não tem poder de escolha, tendo em vista que é um fim destinado a todos. Logo, encarar a morte não como algo ruim, assombroso, mas como potência de vida e de existência faz com que se crie uma consciência de vida.

A morte impacta na vida da protagonista modificando sua visão sobre sua vida e o mundo, a fixando em um lugar de silenciamento e vulnerabilidade por meio da morte de uma vida “não-vivida”, afinal a morte de Carla mostrou a dor de viver sem a amiga a despertando para uma visão mais dolorosa sobre as partidas e na adolescência o estupro foi sua maior morte, pois ao invés de ter recebido afago, carinho e compreensão só recebeu desamparo e dor com o nascimento do filho Lucas, isso só piorou e a distanciou cada vez mais de si mesmo. No seu processo de vida a perda da alegria se configura como uma morte de dentro até seus ganhos advém de suas perdas. Em um crescimento interno e externo a personagem vai se moldando de acordo com suas vivências, mágoas, tristezas e momentos de alegria, rápidas, voláteis, logo passa a se transformar em tristeza. Sua identidade se constrói ao passar dos anos e a morte torna-se um processo transformador e de renovação.

A mudança do eu (protagonista) inicia-se com o objeto de perda ao vivenciar a morte na infância com sua amiga Carla e o estupro aos dezessete anos. A morte de si, que refletirá no seu processo de vida, é sempre um ciclo, algo termina para outro se iniciar. Além das imagens que povoam toda a narrativa como símbolo de morte como a borboleta que significa morte e nascimento, e do Jesus menino que como a vida da protagonista teve precocemente o veredito de morte, mas contraria as perspectivas e continua vivendo. A morte como próprio ciclo da vida encerra um momento o qual está vivenciando ou caminhando para que outro ressurja, logo, pode ser o fim ou o (re)começo de uma nova vida.

Desta forma, o recomeçar não significou que o sentimento de desamparo acabou para a personagem, mas ela começou a dar novos significados para os sentimentos que ela carregava consigo em sua trajetória de vida, foi através do desamparo que encontrou caminho de renovação. A transformação em “uma nova vida” partiu de suas mortes e do filho da violência e da dor Lucas que ao longo dos anos foi possibilitando a reconciliação com o seu passado e

com sua história. A sua identidade foi construída a partir de suas dores e conflitos, apesar de se isolar das pessoas como defesa a personagem não nomeada só conseguiu constituir sua vida e o seu eu a partir do outro, foi uma junção de acontecimentos como a partida de amigos, familiares e lugares que a forma como ser, ou seja, a protagonista é um eu-com Carla, com seus pais, com Pedro, com Lucas, com seu Luís, com a morte, com seu emprego de secretária, com seu cachorro vento, com a dor e com o luto. Nota-se que ela mesmo desamparada não construiu sua identidade de forma solitária, mas sim um “eu-com-o-outro”, apesar da morte ser solitária a vida é sempre um ser com o outro que convivemos em sociedade.

Nesta perspectiva, acrescentamos ainda que a visão da morte enquanto ruptura e processo de transformação se fazem presente também em seu segundo livro *A pequena coreografia do Adeus* (2021), publicado pela Companhia das Letras, ao narrar os conflitos familiares e de abandono da personagem e narradora Júlia Terra, dividida em três capítulos intitulados como Júlia, Terra e escritora. Em uma relação conturbada de violência física e psicológica na infância deixa a personagem em uma situação de vulnerabilidade durante toda a vida, ela se fecha para os afetos com os outros, pois a dor é inerente a construção do seu ser. Assim, Júlia só consegue entrar em um processo de mudança e transformação após a morte de seu pai, despertando-a uma cede de vida. Apesar de uma experiência de vida pautada na violência e no desamor familiar, enxergou vida atrás da dor, assim como a personagem não nomeada de *O peso do pássaro morto*, que apesar da violência e do desamparo, o filho da dor lhe mostrou caminhos para a mudança e de transformação e Júlia por meio da escrita. Apesar dos traumas que carregam enxergaram luz em meio a escuridão.

Desta maneira a morte impacta na vida da protagonista de *O peso do pássaro morto*, em todo seu percurso de vida e na construção de si. Nota-se que há vários fins no querer viver, que o sujeito acumula no meio da sua trajetória sem que seja possível sua construção. Assim, as mortes inesperadas impactam no fluir de vida, mas também convida a repensar sobre o viver e o eu (da protagonista). O recomeço é um bálsamo para as feridas adquiridas ao longo do percurso da sua vida. Na metamorfose da borboleta, assim como na vida, é preciso esperar o tempo necessário para que se tenha forças para alçar voo. Neste sentido, a protagonista precisou de um tempo de espera em seu “casulo” para que no momento certo pudesse florescer e voar até onde seu coração desejasse. O processo foi doloroso, mas também “transforma-dor” em renascimento.

Diante de tudo que foi abordado esta pesquisa não tem a pretensão de se esgotar aqui, ainda há muito o que ser analisado e explorado sobre o tema da morte na narrativa de Aline Bei

e como ela pode ser sinônimo de transformação e renovação. Tendo em vista que a somatória de todas as perdas sentidas forma os sujeitos, se construindo e reconstruindo a partir de cada situação vivenciada como performance de sobreviver, como ato de (re)existir e de (re)começar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Argos. Chapecó. 2009.

ARIÉS, Philippe. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Edição especial: Nova Fronteira, Rio de Janeiro 2012.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo. Editora Nós. 2017.

BÍBLIA, N. T. **Romanos**. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo. Paulos: 30ª impressão. 2010.

_____. **Mateus**. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo. Paulos: 30ª impressão. 2010. p.1238-1279.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. 199 p. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/antonio-candido-literatura-e-sociedade.pdf>. Acesso em: 22 set. 21.

CANDIDO, Antonio. ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida e GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, 5ª edição. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro. José Olympio. 1998.

ELIAS, Nobert. A solidão dos moribundos. Tradução de Plénio Dentzien. Editora Zahar. Edição digital: maio de 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.

GÓIS, Edma. **Narrativas da morte: o que pode a literatura?**. In. XV Congresso Internacional da ABRALIC. ISSN: 2317-157X. Anais eletrônico UERJ. Rio de Janeiro. 2017.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos** - 14 ed. rev. e atualizada. - São Paulo: Ática, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Morte e alteridade**. Tradução de Lucas Machado. – Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A alma tem o peso da luz**. Rio de Janeiro. 1977. In PORTO. Lidianne. 16 Poemas de Clarice Lispector. Escola Educação. 2020. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/clarice-lispector-poemas/> Acesso em: 01 out. 2020.

MENEGASSI, Nívea de Souza Moreira. BORGES, Luciana. **Porque é preciso romper as gaiolas: autoria feminina e contextos familiares na ficção de Augusta Faro**. In Mulheres e a

Literatura Brasileira. Natali Fabiana Costa e Silva, Lua Gill da Cruz, Janaína Tatim, Marcos Paulo Torres Pereira (organizadores) – Macapá: UNIFAP, 2017.

PACHECO. Mariana Pimentel Fischer. **Resenha**. Revista de Filosofia moderna e contemporânea Brasília, vol 3, nº 1, 2015. In SAFATLE, Vladimir. Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

QUEIROZ, Luíza Amélia de. **Flores incultas**. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. (Coleção Centenário, 25). In SILVA. Jaiane da. QUEIROZ. Geisiane Dias. A multiplicidade de sentimentos na poesia de Luíza Amélia de Queiroz. - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 9, n. 2, jun./dez. 2020. ISSN- 2236-6822.

SAFATLE. Vladimir. **O circuito dos afetos: corpo político desamparo e o fim do indivíduo**. 2ª edição revista autêntica. 2016. PDF

SONTAG. Susan. **Diante da dor dos outros**. Companhia das Letras. 2003. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-diante-da-dor-dos-outros-susan-sontag-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 23/maio/21.